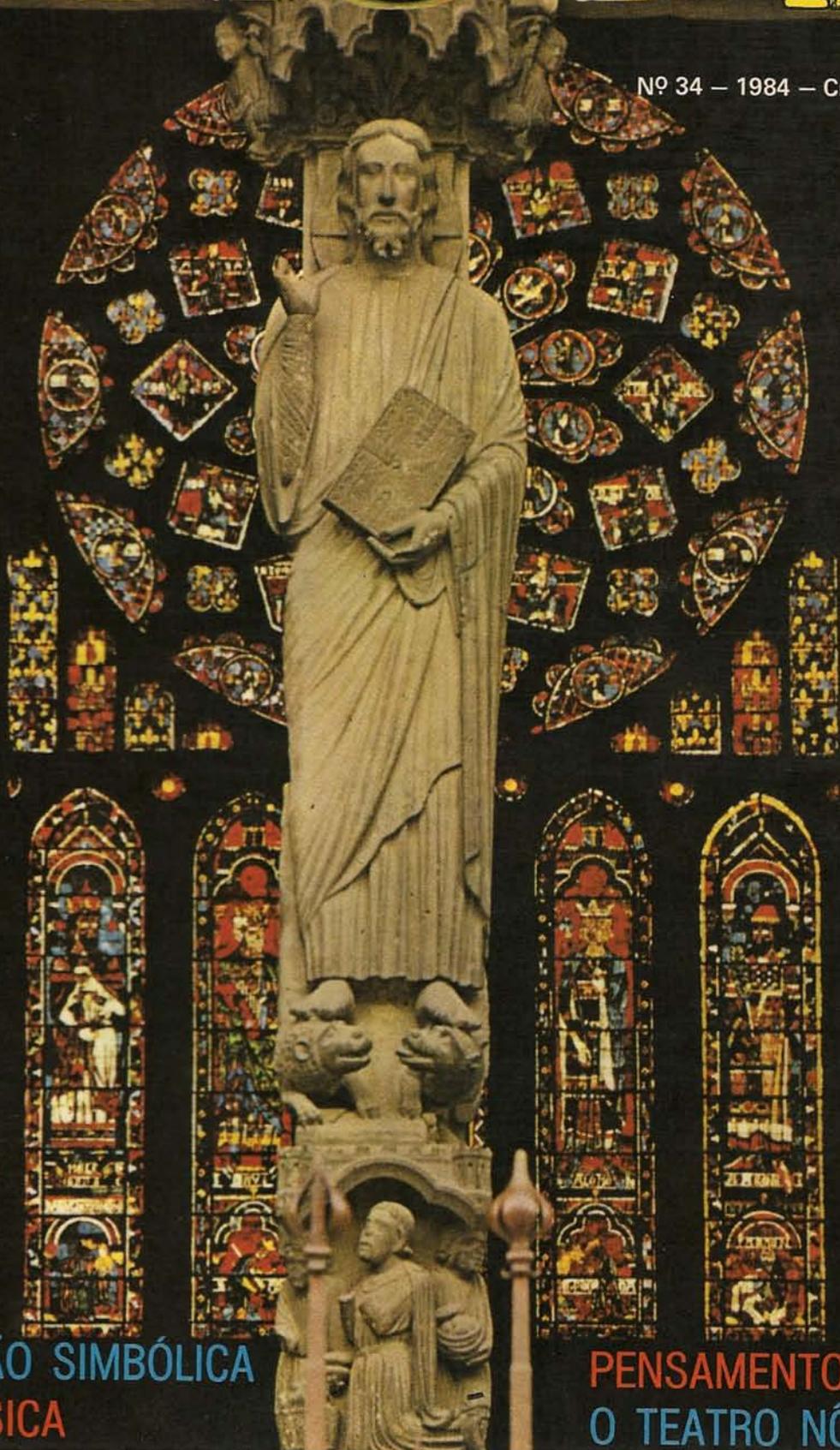


THOT



Nº 34 - 1984 - Cr\$ 1.000,00



A FUNÇÃO SIMBÓLICA
PSICOFÍSICA

PENSAMENTO SUFI
O TEATRO NÔ

PALAS ATHENA

CENTRO
DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

Rua Antonio Alves, 21 - 85 -
Altos da Cidade -
Bauru - S.P.

CENTRO
DE ESTUDOS

PALAS ATHENA

Av. Cristovão Colombo, 2149
sala 315-Floresta
PORTO ALEGRE
RS

**Um Centro
de Estudos
Filosóficos
para quem busca
viver filosoficamente.**

**CURSOS CONFERÊNCIAS
CICLOS CULTURAIS CON
CERTOS BIBLIOTECA FIL
MESEXPOSIÇÃO ESCORAL**

Rua Leôncio de Carvalho, 99, Paraíso, S P
- fone: 288.7356



THOT, divindade egípcia, é talvez o mais misterioso e menos compreendido dos deuses do antigo "Kem". É o símbolo da sabedoria e da autoridade. É o escriba silencioso que, com sua cabeça de íbis, a pena e a tabuleta, registra os pensamentos, palavras e atos dos homens, que mais tarde serão pesados na balança da Justiça. Platão diz que THOT foi o criador dos números, da geometria e das letras. A cruz (Tau, no Egito), que leva em sua mão é o símbolo da vida eterna, emblema da sabedoria divina.

EDITORES

Associação PALAS ATHENA do Brasil
Lia Diskin
Basílio Pawlowicz
Primo Augusto Gerbelli

PRODUÇÃO

Sérgio Marques; Carla Teso; João Fernandes Filho

EQUIPE THOT

Emílio Moufarrige Jr; Lucia Brandão Saft; Lucia Benfatti; David Cohen; Marina Moraes; Lucy Blumental; Mara Novello; Fátima Flores Jardim; Rosa Indáttilo; Therezinha Siqueira Campos; Zildo Trajano de Lucena; José Caruso Filho; George Barcat; Renata De Cesare

FOTOLITO CAPA

Polychrom

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO

Gráfica PALAS ATHENA
Fone: 297-6288

Não publicamos matérias redacionais pagas. Permitida reprodução, citando origem. Os números atrasados são vendidos ao preço do último número publicado. Assinatura anual: Cr\$6.000,00 - cheque em nome da Associação PALAS ATHENA do Brasil; rua Leônicio de Carvalho, 99 - CEP 04003 - Paraíso - São Paulo - SP. Telefone: 288.7356. A responsabilidade pelos artigos assinados cabe aos autores. Matrícula n. 2046/Registro no DCDP do Departamento de Polícia Federal, sob n. 1586 P 209/73.

NOSSA CAPA: Vitral Norte da Catedral de Chartres, século XIII.

Editorial

Numa época em que se considera démodé ser otimista, os homens temem que suas esperanças aumentem em demasia. A ilusão vendida por todo tipo de anúncios e ideologias já desapontou a mais de uma geração; então é melhor pecar por excesso de desconfiança, antes que ver ruir novas esperanças. A dor da ilusão perdida proclama os méritos do deserto, de um deserto sem miragens, sem oásis, sem nuvens nem palmeiras.

Pierre Theilhard de Chardin, refletindo sobre a História, diz que em todas as épocas o homem sentiu-se vivendo um momento decisivo desta. De fato isto acontece; as mudanças constantes marcam perspectivas únicas que provocam crises de acomodação sempre renovadas, e que exigem abandonar as idéias comuns, numa busca incessante de justificativas para tais mudanças. Estas revelam a presença de arquétipos impossíveis de se tornarem vigentes através de uma transformação superficial dos estados de consciência.

A aparente cegueira de alguns e a resistência de outros pelas mudanças paradigmáticas, devem ser entendidas como defesa, pois o medo do saber é, na realidade, o medo do fazer. Conhecer implica responsabilidade, comissão e não omissão.

Ver ou falar das mudanças não é suficiente; entretanto, como diz Thoreau, já há no mundo uma vanguarda dos que **vivem como acreditam**; essa é a esperança de transformação que lateja na humanidade.

Basilio Pawlowicz

Editorial	1		
Concurso "Importância e Significado do Pensamento de Ortega y Gasset"	2	À guisa de uma introdução ao estudo da Kabbala (II)	
Psicofísica: Novas fronteiras do Pensamento Científico		Ignácio da Silva Telles	19
Jose Inácio Cotrim Vasconcellos	7	Confusão de conceitos em Psicologia	
O Teatro Nô		Ilse Maria Spath	23
Eico Suzuki	10	Introdução ao Pensamento Sufi	
Os três Staretzi		Carlos Godo	25
Leon Tolstoi	14	A função Simbólica	
Atualidades - Holografia de Dieter Jung		Mário Ferreira dos Santos	30
George Barcat	17	Karma Yoga	
		Swami Tilak	36

Impôrtância e significado do Pensamento de Ortega Y Gasset

Em agosto de 1983, em comemoração ao centenário de nascimento do filósofo espanhol José Ortega y Gasset, a Associação Palas Athena e a Revista THOT realizaram, com o apoio da Universidade de Brasília e o patrocínio da Embaixada da Espanha no Brasil, um concurso nacional sobre a obra deste eminente pensador do século XX.

A entrega dos prêmios teve lugar na sede da Associação Palas Athena em 31 de março passado, sendo seus ganhadores: 1º lugar – Olavo de Carvalho; 2º lugar – Antonio Adelino Marques da Silva Brandão; e 3º lugar – Willis Santiago Guerra Filho.

Tornamos notório o empenho da Embaixada da Espanha no Brasil, que ofereceu as três obras completas de “José Ortega y Gasset” em 12 volumes editadas pela Alianza Editorial e Revista de Occidente, como parte dos prêmios aos ganhadores deste concurso.

Reproduzimos a seguir, na íntegra, o trabalho apresentado por Olavo de Carvalho.



Cerimônia de entrega dos prêmios.

Da esquerda à direita: Prof. Sr. Gilberto de Mello Kujawski, membro do Juri; Exmo. Sr. Francisco de Condomines, Consul Geral de Espanha em São Paulo; Exmo. Sra. Carmen de la Peña, Primeiro Secretario e Adida Cultural da Embaixada de Espanha; e Prof. Basilio Pawlowicz, Diretor Presidente da Associação Palas Athena.



Olavo de Carvalho



Antônio A Marques da Silva Brandão



Willis Santiago Guerra Filho

“Não ignoro que poderia, em vinte e quatro horas, ter toda a juventude espanhola, como um só homem, a me seguir. Bastaria que dissesse uma só palavra.”

O homem que em 1933 não pronunciou essa palavra – “porque teria de ser uma palavra falsa e não estou disposto a pedir-vos que falsifiqueis vossas vidas” – é hoje um nome esquecido pela juventude espanhola e latino-americana dividida entre as duas falsidades a que ele não quis pedir que aderissem: os extremismos de esquerda e de direita, aos quais ele recusava o nome de radicalismo, pois radicalismo só

há um, o da Razão, penetrando na raiz das coisas, uma região de claridades a que não tem acesso o político, profissional do obscuro e do impreciso.

José Ortega y Gasset, ao morrer em 1955, era considerado um dos maiores pensadores de todos os tempos, em todos os países; e, na Espanha, o fundador e patrono da moderna cultura nacional. Havia tirado seu país da letargia filosófica em que afundara desde a morte de seu último pensador, Suárez, há três séculos. Havia redigido em espanhol uma obra rica e imponente, atraindo para o seu país a atenção de um Scheler, de um Hartmann, de um Heidegger. Também

havia introduzido na cultura hispânica e disseminado pela península e pela América Latina as obras principais do pensamento mundial.

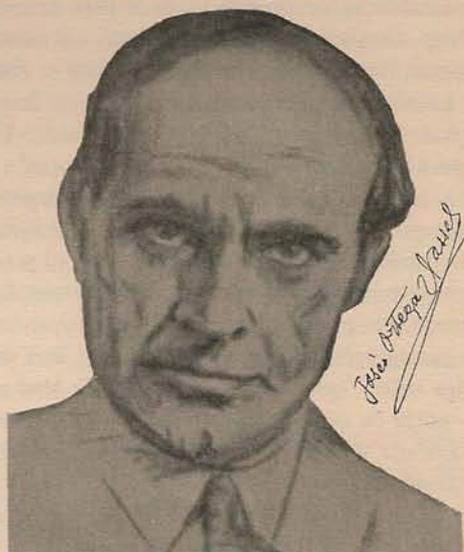
Como pôde esse homem ser esquecido, não só na Espanha, mas em todo o mundo, onde sua obra é hoje menos estudada que a de muitos autores menores, que receberam seu influxo?

Há vários motivos. Alguns são de ordem biográfica. Mas, em outros, a biografia se entrelaça à própria história do Ocidente. Ortega, filho de uma família ilustre de jornalistas e literatos, foi educado à sombra de duas grandes influências que pesavam sobre a vida intelectual espanhola: o cristianismo dos jesuítas, no Colégio de Palos de Miraflores, e a literatura francesa: através de autores clássicos, mas também de autores estrangeiros, como Barrès. Formado em filosofia, o âmbito intelectual espanhol lhe parece demasiado estreito, marcado pelo predomínio da ocupação literária (a que um Unamuno, um Azorín, um Baroja, um Galdos haviam, é certo, levado a seus níveis maiores) e por uma notável ausência de idéias, de concepções rigorosas sobre o mundo, e uma visceral incapacidade de criá-las. Ele mesmo se compara a uma ave de rapina — o gerifalto — no furor com que, no afã de superar a estreiteza do meio, se atirou à fonte viva da ciência germânica, a Universidade da Marburgo, onde Paul Natorp e Hermann Cohenn lideravam uma catedral de resistência neokantiana e culturalista aos excessos do cientificismo positivista.

Em Marburgo e Berlim Ortega recebeu a melhor formação filosófica então possível numa Europa dominada pelo que mais tarde ele chamaria “terrorismo dos laboratórios”: a idealização da ciência experimental e o desprezo pela indagação metafísica. De volta a Madri, assume a cátedra de filosofia na Universidade. Mas desenvolve, paralelamente, intensa atividade política, sem, no entanto, se alinhar a qualquer corrente específica, mantendo-se fiel à vocação de “inspetor da unanimidade”, o único cargo público, de resto inexistente, a que um dia aspirou. Na Monarquia, foi monarquista, exigindo, porém, que o regime “se nacionalizasse” e ousasse propor um programa de vida conveniente a todos os espanhóis. Logo, desiludido, adere à causa da República nascente, repetindo, porém, a mesma exigência: idéias claras, programas, realidades e não mistificações, política e não manipulação. Desiludiu-se também com a República, e ao regime que a sucedeu — o franquismo — concedeu exatamente o que a autoridade pedia: o silêncio. Um silêncio completo e tão eloqüente que a autoridade teve de se defender com o expediente excuso das notícias falsas.

Professor de Metafísica, Ortega decide empreender a retificação da cultura espanhola, um aprofunda-

mento geral das perspectivas em todos os campos do saber e uma disseminação do interesse pela filosofia. Para fazê-lo, estava especialmente dotado por um estilo espantosamente claro, que dá às idéias uma realidade plástica, e por uma natural — e trágica — vocação para a dispersão e o acúmulo de responsabilidades. E fazê-lo implicava desistir de uma carreira acadêmica brilhante na universidade alemã, a que já dera provas de sua capacidade, com trabalhos “técnicos” de filosofia, e empenhar-se num corpo-a-corpo com a preguiça intelectual hispânica ali mesmo onde ela fixara seu centro de resistência: o jornal, os cafés, a “arena intelectual” da praça pública, onde se formavam, na irresponsabilidade das conversas literárias, as correntes de opinião. O grande professor, colega de classe de Hartmann, ia se tornar... um jornalista.



Comprimir idéias filosóficas em artigos de jornal é um desafio que Ortega soube vencer como, em nossa época, só um Alain ou um Gabriel Marcel. Mas ao preço de omitir as bases últimas e rigorosas da argumentação. O ensaio, único gênero literário a que se manteve fiel, foi definido por ele mesmo como “a teoria — menos a prova explícita”. O jornalismo de Ortega atingiu e superou seus propósitos: despertou a mente espanhola, fez nascer vocações filosóficas que mais tarde levariam o gosto das idéias ao México, à Argentina, aos Estados Unidos, ao Brasil. Ele chegou a dar cursos públicos de Metafísica que lotavam teatros com uma assistência que não era só de estudantes, mas soldados, domésticas, toureiros e operários. Estabeleceu, primeiro na Espanha — e em seguida em toda a Europa — uma irradiação de convivência que incluía, na mesma cordialidade e no mesmo gosto pela verdade — guardados, é claro, os níveis — desde um Werner Heisenberg e um Einstein até o campeão de caça, conde de Yebes, ou o toureiro Domingo Ortega.

Mas tudo isso teve um preço. Ortega jamais completou um livro de filosofia. Sua obra — 7.700 densas páginas — é um amontoado de fragmentos, projetos, ruínas e promessas. E o caráter fragmentário de seus artigos suscitou muitas vezes acusações de superficialidade, de incoerência. Após a sua morte, começaram as revisões: chegaram a excluí-lo do âmbito da filosofia, dispostos, é claro, a conceder-lhe, com uma espécie de respeitoso despeito, o posto de maior prosador espanhol, que ele já em vida havia recusado, pedindo que se restabelecesse a verdade pela pura e simples leitura atenta dos seus ensaios, bastante, segundo ele, a revelar, sob a couraça luzente das metáforas, um rigoroso sistema de filosofia. Irritado pela incompreensão, às vezes de seus próprios discípulos, uma única vez ele protestou, já no fim da vida. Mas, consciente do perigo de permanecer na superficialidade pelo desejo de ser sucinto, freqüentes vezes anunciara, no meio de seus ensaios, livros, obras em preparo, onde se encontraria a justificação plena e rigorosa desta ou daquela tese, resvalada “de passo” no artigo apressado. Essas obras, porém, nunca surgiam, o que colaborou a aumentar o descrédito. Foi somente dois anos depois da sua morte que a verdade se restabeleceu por si mesma: entre os papéis do filósofo foram encontrados nada menos de sete livros, seus livros mais importantes, cuja publicação ele protelara por não conseguir, entre os exílios, perseguições e doenças, tempo de lhes dar a derradeira mão, “que es nada y es todo”. Mas esses livros — entre os quais o gigantesco *La idea de principio en Leibniz y la evolución de la teoría deductiva*, corte transversal no pensamento europeu, *El Hombre y la gente*, investigação filosófica da ciência social, e *Origen y epílogo de la filosofía*, mergulho nas raízes da atividade filosófica — foram publicados numa época em que já não interessavam senão a especialistas, como Alain Guy, professor em Toulouse, França, e Morón Arroyo, professor em Pennsylvania, autores dos estudos mais importantes sobre Ortega. Mas, para o público, já não diziam nada. E mesmo dentro do âmbito acadêmico, os problemas já eram outros. Ortega, que se antecipara a tantas coisas — prevendo os desenvolvimentos da física e da lingüística, exprimindo em 1914 muitas teses que em 1945 alcançariam repercussão mundial com Sartre — foi vencido pelo tempo.

Mas há outra razão, em que a vida de um homem e a vida do mundo se confundem. Ortega alcançou projeção mundial com um livro não-filosófico, *La rebelión de las masas*. Literariamente, o melhor de seus livros. Filosoficamente, mera prolongação de teses fundamentais que viviam na cabeça de seu autor desde 1914, mas que só encontraram expressão parcial nas obras publicadas durante sua vida. Houve, por

isso, um erro mundial de perspectiva na apreciação desse livro. Foi tomado como protesto das velhas elites do século XIX contra a ascensão das massas à vida civilizada. Produto do temor de uma classe em extinção, desembocaria fatalmente no apoio ao fascismo e a todas as formas organizadas de reação. Tal foi a leitura de um Hauser. De um Mannheim. No Brasil, de um Alceu Amoroso Lima. De um Carlos Nelson Coutinho. Todos, ignorantes do arcabouço filosófico em que se apoiava *La rebelión*, interpretaram-na como bloco isolado — a que convidava, certamente, a estrutura literária sólida em que se amarrava a argumentação. Graças a essa interpretação, Ortega foi colocado, por Lukács, entre os inimigos da razão e partidários de um vitalismo mais ou menos feroz, de tinturas nazistas. Esta interpretação, que no mundo todo só não é compartilhada pelos raros especialistas em Ortega, foi divulgada numa época em que não se publicara a parte mais significativa de sua obra. Principalmente seus *Escritos políticos* só foram publicados em 1969, quando Mannheim e Hauser já estavam mortos, e Lukács demasiado velho. E a leitura unilateral continuou prevalecendo, contribuindo para que os jovens — espanhóis ou não, — encarassem Ortega como remanescente de um passado felizmente morto.

La rebelión de las masas teria de ser relido à luz do conjunto da obra orteguiana. E o resultado seria mais ou menos o seguinte. Ortega defende a tese de que a bancarrota espiritual da Europa provém da ascensão das massas ao poderio social (não especialmente político). Dizer “as massas” não significa “os pobres”. Significa todos os que, não possuindo um programa transcendente de vida, um sistema de crenças e valores à altura dos problemas da época, substituem os valores ausentes por um excesso de ação desenfreada: a “ação direta” de Sorel e de Mussolini, o predomínio do fato consumado. A ascensão das massas — que tem uma vertente positiva, já que representa uma ampliação do âmbito da civilização — significa que aos valores se substituíram os fatos, a força. Ainda assim, pode-se interpretar — como fizeram muitos — os “valores” como os valores tradicionais de nossa civilização. E estes valores seriam a moral, a cultura, etc. Mas a crítica de Ortega vai muito além. Ao dizer que as crenças da nossa civilização se volatizaram, sendo substituídas pela força, Ortega não se refere aos valores tradicionais, mas aos valores modernos. Para ele, os valores religiosos são assunto encerrado com Galileu, Copérnico e Descartes. Os valores morais são assunto encerrado com a ciência do século XIX. Longe de defender os valores tradicionais (como pretenderam seus intérpretes não-filosóficos), ele nem os discute. O que está em jogo, para ele, é a concepção européia do mundo, e esta concepção, em

nossa época, não é determinada nem pela religião, nem pela moral, mas pela ciência. Ocorre que ele prevê a maior das catástrofes: a dissolução da ciência, renunciada pelo princípio de indeterminação de Werner Heisenberg (seu amigo pessoal), conforme o qual o conhecimento físico é mera projeção da “linguagem” racional humana — e não retrato da realidade exterior — e pelo teorema de Gödel, que traz ameaça semelhante para o campo da lógica.

A ciência é o fundamento da técnica, e da técnica dependemos hoje para viver. Ameaçada “de dentro” pela crise da ciência física e da lógica, a técnica encontra uma ameaça externa igualmente perigosa. É que “as massas”, ao nascerem, já se encontram num mundo determinado pela técnica, e não pelas leis naturais em sua pureza. Acostumaram-se assim a encarar a técnica como os antigos encaravam a natureza: como um meio ambiente “natural”, óbvio, inevitável. Hoje, como herdeira de uma tradição científica que se formou com os esforços e privações, a técnica não se acanha em gastar essa herança para satisfazer aos seus mínimos desejos, e não se preocupa em propiciar as condições para que essa herança não se dilua: a continuidade da ciência, com base numa concepção filosófica racional do universo. Assim desembocamos numa situação em que a vitória temporária da razão sobre a natureza, com a planetarização da técnica, convive com o mais desenfreado irracionalismo. A tecnização de todos os âmbitos da vida — inclusive o político, com o aperfeiçoamento de um Estado agigantado —, paralelamente à irracionalidade cada vez maior do tipo de vida possível sob essa organização, decorre de que exigimos cada vez mais da técnica, e não percebemos que, em última análise, ela se apoia numa ciência cujas bases racionais se perderam no confronto das doutrinas. Baseamos nossa vida num fantasma — a razão científica — e não é de espantar que os fantasmas da tirania, da loucura e do misticismo nos atrapalhem o sono. A justeza da análise orteguiana se revela na espantosa prematuridade — 1923 — com que previu (ao contrário de todos os seus contemporâneos) a volta do misticismo como interpretação da vida, a que hoje assistimos em toda a sua plenitude, em todo o planeta.

O homem que chegou a esse ponto na análise da tragédia européia não poderia propor a solução simplista da volta aos valores tradicionais, para ele derrotados de uma vez para sempre. Ao contrário, ele insiste na necessidade de reconhecermos que **não há** valores vigentes e que **qualquer** dos valores antigos já não nos serve. Longe de propor-nos a segurança à sombra da Igreja, da tradição, da moral, ele nos roga que olhemos de frente para a radicalidade absoluta da nossa desorientação. E nos propõe a tarefa de buscar

A exigência de liberdade
na política não decorre
de uma preferência moral,
mas de uma necessidade:
se queremos ser racionais,
se queremos a ciência,
a técnica, o ar condicionado,
a TV e a aspirina,
os computadores e a lógica,
os aviões e a capacidade de falar,
temos de ser livres.

novos valores. Ele não sabe onde encontrá-los, mas propõe uma condição prévia, que emana da sua doutrina metafísica da vida humana.

Se há alguma realidade, diz Ortega muitos anos antes do existencialismo, essa realidade não é nem a “matéria” (que é uma interpretação) nem o “espírito” (que é outra interpretação): é a **minha** vida, no sentido corriqueiro do termo. A esta realidade imediata têm de ser referidas todas as construções lógicas — da ciência ou da filosofia — se não quiserem se transformar em construções logicamente válidas, mas ontologicamente falsas, como as argumentações irresponsáveis dos esquizofrênicos. Esta tese, de que todo conhecimento específico só tem sentido em função de seu papel no conjunto da vida individual humana, foi também desenvolvida, depois, por Edmund Husserl, o fundador da fenomenologia, no seu derradeiro livro, *A Crise das ciências européias e a fenomenologia transcendental*. Ao contrário da maioria dos críticos contemporâneos da ciência, Husserl e Ortega não a combatem do ângulo moral, mas lhe negam um fundamento racional absoluto, revelando, sob o véu da racionalidade, a sobrevivência do misticismo.

Ortega propõe então que a reforma do conhecimento parta de um conhecimento da estrutura da vida humana. Assim também a busca de valores terá de orientar-se não pelos valores em si mesmos, mas pelo seu posto nessa estrutura. Para compreendermos o que ocorre com o próximo, usamos a nossa própria vida como instrumento de medida — e por isto solidão e encontro não são termos que se excluem, mas que se exigem mutuamente. Da mesma forma, a vida, longe de se opor à razão e à lógica — como tradicionalmente na filosofia ocidental — é o fundamento de toda racionalidade, e ao mesmo tempo só perdura e cresce pela racionalidade.

Assim, a filosofia do “inimigo da razão” se insere na tradição do racionalismo de Kant. Há um tipo de razão que preexiste a toda experiência concreta, mas que só se revela no decorrer da experiência. A razão, assim, não determina a vida nem é determinada por ela. Ela preexiste, como **possibilidade**, em todo homem. Mas só se realiza, como efetividade, na experiência, na vida. Esta idéia está em Descartes, está em Kant, e hoje enforma a lingüística de Chomski. É a linha mestra do racionalismo ocidental e do pensamento do “inimigo da razão”, Ortega y Gasset.

Da mesma forma, a variabilidade da história não desmente o primado da razão, mas confirma a sua presença em todas as formas, as mais díspares, da existência humana. O núcleo central da razão como possibilidade é a garantia de que os homens **possam** compreender-se uns aos outros (mas nem sempre o fazem) na multilateralidade das suas existências.



José Ortega y Gasset

Essa aceitação das múltiplas faces da vida ilumina as idéias políticas de Ortega. Se a razão é onipresente, mas multilateral, é preciso reconhecer, em cada momento e em cada lugar, o modo específico pelo qual a verdade se apresenta, e reconstruir sempre a coerência sob o véu da contradição. Este o papel do “inspetor da unanimidade”, que organiza as várias perspectivas individuais, assegurando a verdade e as limitações de cada uma, e o direito de cada uma à existência. Em política, isto se chama liberalismo: a diversidade de opiniões não surge como um mal, muito menos como um mal pequeno e tolerável, nem mesmo como um bem, mas como a própria realidade histórica, e da perpetuação, em situações múltiplas do

mesmo núcleo de racionalidade, fundamento da convivência. Daí o desinteresse de Ortega pelas doutrinas políticas e particulares, e sua exigência — aparentemente paradoxal — de unanimidade e multilateralidade. A exigência de liberdade na política não decorre de uma preferência moral, mas de uma necessidade: se queremos ser racionais, se queremos a ciência, a técnica, o ar condicionado, a TV e a aspirina, os computadores e a lógica, os aviões e a capacidade de falar, temos de ser livres. Mesmo que não desejássemos a liberdade, teríamos de ter a liberdade de extinguí-la.

Martin Heidegger, que comunga com ele a preocupação com a existência humana e com a técnica, mas ao contrário do pensador espanhol — mente clássica por excelência — se deixa atrair pelo obscuro e pelo místico, conheceu-o em Darmstadt, um ano antes de sua morte. Descreve o encontro: no jardim da cidadezinha alemã, o “pequeno senhor espanhol” que espalhara na Europa e na América o gosto jovial da indagação, que despertara com seu estilo vivaz o entusiasmo de tantos jovens em todo o mundo e depois da guerra devolvera a uma Alemanha destruída a paixão da filosofia, em conferências que exigiam a própria intervenção da polícia para refrear os milhares de estudantes que o queriam ouvir; esse homem era agora um velho, desiludido e derrotado no momento maior da sua glória. Ele exprime sua angústia, e ela não é outra que a da impotência da razão ante a violência de uma técnica e de uma política que, paradoxalmente, nasceram da razão.

A razão, é claro, talvez pudesse ter impedido as desgraças que a técnica e a política desencadearam sobre o mundo desde aquele dia de 1933 em que o professor de Metafísica falava aos universitários de Madrid. Bastaria que dissesse uma só palavra. Mas teria de ser uma palavra falsa.

OLAVO DE CARVALHO



PSICOFÍSICA : Novas Fronteiras do Pensamento Científico

Segundo as mais modernas concepções científicas da Filosofia Natural, existem quatro forças ou interações fundamentais na Natureza, a saber:

a) A interação gravitacional, responsável pela Harmonia das Esferas, pelos movimentos dos astros, pelas marés, pela queda dos corpos, pela existência de fenômenos de incrível violência nos núcleos ativos de galáxias (quasars, liners) e pela forma geométrica do Universo como um todo. A interação gravitacional foi formulada, pela primeira vez, por Sir Isaac Newton no século XVII, como uma hipótese a ser adicionada às suas famosas leis do movimento, a fim de criar um modelo teórico capaz de descrever o movimento dos astros em geral (planetas, cometas, luz, etc.), ou seja, para uma adequada descrição matemática dos fenômenos celestes. Em particular, con-

As relações entre o
MICROCOSMOS (Homem) e o
MACROCOSMOS (Universo)
foram objetos de profundos estudos
nos meios tradicionais e grandes humanistas
ocuparam-se dos mesmos.
Porém, essa visão unificada e unificadora
do COSMOS
tornou-se menos explícita com o advento
da Ciência Moderna.

segue-se deduzir as Leis de Kepler do movimento planetário a partir da Lei de Gravitação Universal e das Leis do Movimento dos Corpos, de Newton. Todo um modelo da Natureza emergiu desse enorme esforço de síntese. Uma Cosmologia newtoniana regia o evoluir do Universo. A concepção newtoniana de um Universo povoado de partículas interagindo e atraindo-se, segundo a Lei do Quadrado da Distância, foi aplicada a todos os fenômenos naturais, tanto celestes quanto terrestres. A Astronomia, como ciência observacional, aliada ao método experimental de Bacon e Galileu, propiciou a Grande Síntese da Filosofia Natural do século XVII. Assim, o estudo da Interação Gravitacional conduziu à formulação da Mecânica Clássica Newtoniana, da Física Moderna Clássica.

b) A interação electromagnética responsável pelos fenômenos associados a cargas elétricas dos corpos, responsável pela existência de átomos e moléculas e, portanto, veículo de manifestação da vida no sentido biológico. A luz, segundo a formulação de Michael Faraday e James Clerk Maxwell, eminentes filósofos naturais do século XIX, é um fenômeno electromagnético de natureza ondulatória, propagando-se com a velocidade, no vácuo, de 300.000 km por segundo. A interação electromagnética é a responsável pela propagação da radiação desde a região espectral do rádio até os confins da região espectral dos raios.

Poderíamos afirmar que mais de 90% da informação que obtemos objetivamente, isto é, através de nossos sentidos físicos usuais, provém da radiação electromagnética emitida pelos corpos celestes. Assim, o electromagnetismo associado à gravitação constituem, ambos, dois pilares fundamentais para a formulação de um modelo global do universo da Astronomia contemporânea.

c) A interação fraca responsável pelo decaimento β (emissão de elétrons), pelos núcleos atômicos radioativos e pelo decaimento de partículas elementares que conservam a chamada estranheza. É a interação fraca dotada de uma interessante propriedade denominada não-conservação da paridade, que seria uma propriedade de não-simetria espacial que distinguiria fenômenos que ocorrem com um objeto, dos fenômenos que ocorreriam com sua imagem especular.



A Nebulosa de Caranguejo

d) A interação forte, responsável pela existência dos núcleos atômicos (interação nuclear) e de muitos outros fenômenos interessantes que ocorrem com os hádrions, ou partículas elementares que manifestam a propriedade de interagirem fortemente.

Grandes esforços têm sido feitos para compreender essas Quatro Interações da Natureza e as relações que guardam entre si. Em particular, esquemas de unificação dessas interações têm sido propostos, de modo a encontrar uma linguagem matemática que as enuncie como manifestações particulares de uma única interação fundamental. Não tem sido fácil encontrar essa linguagem apropriada, devido ao rigor e consistência lógica que se procura ao descrever cientificamente os fenômenos da Natureza. Um enorme esforço de síntese e unificação tem sido desenvolvido pelos filósofos naturais nos últimos vinte anos, e muitos esquemas ou modelos de unificação têm sido propostos. De fato, grandes progressos têm sido alcançados, mas uma descrição completa e satisfatória dos fenômenos ditos naturais, em termos de uma mesma linguagem matemática, ainda está para ser criada.



N. COPERNICO – O grande promotor da teoria heliocêntrica.

A Moderna Cosmologia tem dividido a História do Universo em Eras, onde haveria a predominância de uma dessas interações em cada uma dessas eras. Para tanto foi necessária uma compreensão cada vez mais detalhada e precisa dessas interações (forte, fraca, electromagnética e gravitacional) e de suas relações. A moderna Teoria de Gravitação, devida principalmente a Albert Einstein, constitui-se na estrutura teórica fundamental para essa Moderna Cosmologia. Em particular, modelos cosmológicos baseados numa singularidade primordial (big-bang), que evoluiria num processo de expansão do Universo, são decorrências da moderna teoria einsteiniana da Gravitação. Segundo essa formulação não existiriam propriamente forças gravitacionais.

Os corpos, devido a suas massas, deformariam a estrutura geométrica do espaço-tempo como o faria uma bola de aço na superfície de uma malha. Outro corpo, que se aproximasse do primeiro, seguiria a trajetória ditada pela forma da superfície, ou seja, pela curvatura impressa nesse espaço devido à existência do primeiro corpo. Novos fenômenos naturais puderam ser previstos como decorrência desse novo modelo para uma Teoria de Gravitação (buracos negros, por exemplo) e uma nova imagem do Universo emergiu como conseqüência.

Na Antigüidade, as Escolas de Mistério ou Iniciáticas — tal como fazem até o presente, procuravam conduzir o Homem a uma compreensão mais profunda e unificadora de sua natureza e da natureza do Universo. As relações entre o Microcosmos (Homem) e o Macrocosmos (Universo, o Todo) foram objetos de profundos estudos nos meios tradicionais, e grandes humanistas como, por exemplo, Robert Fludd (século XVII) ocuparam-se dos mesmos. De certa forma, essa visão unificada e unificadora do Cosmos tornou-se menos explícita com o advento da Ciência Moderna. A Filosofia Natural fragmentou-se nas diversas ciências naturais, a Filosofia recuou para os bastidores dos filósofos da Natureza, as ciências tradicionais (Alquimia, Cabala, Magia, Astrologia, etc.) não encontraram adequada expressão no novo movimento dos séculos XVI e XVII, apesar dos eminentes criadores do método científico moderno (Newton, Kepler, Bacon, Fludd, Leibnitz, etc.) terem sido muito proficientes nessas ciências tradicionais.

O século XX vê renascer nos círculos acadêmicos e não-acadêmicos a necessidade de uma nova síntese. Não uma síntese centrada nos denominados fenômenos objetivos ou materiais, mas uma síntese integradora dos fenômenos psíquicos no novo modelo do Homem e do Universo. Os fenômenos psíquicos são sobejamente conhecidos e aplicados pelos grupos iniciáticos espiritualistas desde o Alvo-recer da Consciência Humana. Um grande esforço tem sido feito nos últimos anos para descrevê-los numa linguagem matemática, de foma a estudar-se as inter-relações entre o objetivo e o psíquico, ou seja, o esforço de dar à realidade vivencial da consciência humana e ao conhecimento do Universo bases mais amplas, profundas e realistas. É uma vivência diária, de um número crescente de pessoas, que somos seres duais vivendo num Universo dual. O objetivo e o psíquico jogam papéis complementares em nossa apreensão da realidade, em nossas vidas cotidianas. Por que, então, separar na teoria, no modelo, aquilo que é uno em nossa experiência vivencial? Como conseqüência dessa legítima proposta de uma Teoria da Realidade, foi proposta a moderna Psicofísica, uma pro-

posta de psicossíntese de todo o conhecimento humano, uma visão unificadora, menos alienante, menos dissociadora da consciência, do conhecimento e da vivência humanas. Uma proposta que conduz a menos conflitos entre as diferentes facetas de uma experiência vivencial una do Ser Humano, uma via para a ampliação de sua consciência, de seu conhecimento, de sua gnose. Uma senda que parece conduzi-lo a uma experiência espiritual maior, partindo de um modelo vivencial de uma realidade mais completa.



Jean Charon

Psicofísica é um termo criado pelo físico francês Jean Charon para designar um modelo da realidade e da consciência, baseado numa generalização matemática da Teoria da Relatividade Geral de Einstein (Teoria de Gravitação de Einstein). Como campo da física, generaliza-se o campo gravitacional adicionando-se-lhe um componente psicofísico, assim como à matéria-energia é adicionado um componente psíquico. O modelo apresenta, através de suas equações matemáticas, uma nova cosmologia (um universo dual, psicofísico, a 8 dimensões), e lança muita luz sobre o problema da unificação das interações fundamentais na Natureza. Ao lado de um espaço-tempo usual (3 dimensões espaciais e 1 dimensão temporal) há um novo espaço-tempo chamado por Charon de invisível, sede dos fenômenos ditos psíquicos. Na nova linguagem matemática do modelo de Charon, esses espaços não estão dissociados, mas interpenetram-se e influenciam-se mutuamente. Emerge, então, uma imagem dual mas unificada da Realidade Integral.

Dessa forma, é rompida a tão decantada dicotomia entre o que é o acadêmico e o que não é; são superadas as pretensas tensões e oposições entre os que trabalham no nível do conhecimento dito acadêmico e os que têm uma intuição profunda dos fenômenos, mas que não têm o conhecimento técnico

co-lingüístico dos acadêmicos. Esse novo movimento implica, ao nível da ação, em um duplo esforço: aqueles que, portadores de um conhecimento formal e técnico, carecem de um autêntico desenvolvimento psíquico e espiritual, terão necessidade de colocar esse desenvolvimento em nível operacional, preenchendo as necessidades altruísticas e elevadas de um ser humano espiritualizado; e aqueles que, profundos conhecedores de uma vivência prática e espiritual, têm a necessidade imperiosa de se enriquecerem cultural e academicamente, a fim de ampliarem ainda mais seus horizontes mentais e espirituais. O Homem Integral da Nova Era de Aquário será aquele que romper com todas as dicotomias, visões parciais, preconceitos limitadores e contradições que dividem os homens e as nações, em todos os níveis.

JOSÉ INÁCIO COTRIM VASCONCELLOS

O Prof. Dr. José Inácio Cotrim Vasconcellos é professor e pesquisador do Instituto de Física da Universidade Estadual de Campinas, onde coordena o Grupo de Espectroscopia e Astrofísica – UNICAMP. Foi um dos coordenadores do Iº e IIº Simpósios de Espiritualidade e Psicofísica ocorridos na UNICAMP no ano de 1983. É Membro do Conselho Internacional de Pesquisas da Universidade Rose-Croix (San José, Califórnia, Estados Unidos), pertencente à Antiga e Mística Ordem Rosae Crucis (AMORC). É Orador Regional da Grande Loja do Brasil – Amorc.



O Teatro Nô

NÔ

A Obra-prima do Gênero Humano

O Teatro Clássico NÔ nasce em meados do século quatorze, não sofrendo, até hoje, modificações essenciais em sua estrutura. É contemporâneo do Budismo Zen, do arranjo de flores *Ikebana*, da cerimônia do chá *Tcha-no-Jû*, da pintura monocromática *Sumiê* e da parcialmente colorida *Iamatoê*, da arquitetura e dos jardins tão admirados agora. Sua época coincide com o Renascimento Italiano.

O NÔ deriva de dois tipos de teatro: *Sarûgaku*, das cidades, e *Dêngaku*, dos arrozais. Fundidos, dão uma forma intermediária e depois há a divisão em *NÔ*, que é elegância e sobriedade, e *Kiôguen*, a farsa.

Graças ao gênio de dois atores-compositores, Kan-Ami e Zêami, pai e filho, o NÔ se refina e se eleva para se tornar a **síntese literária e teatro total**, a partir de 1374, vivo e atuante após mais de seiscentos anos.

As fontes literárias do NÔ vão desde obras históricas — mitologia e lendas — filosofia — religião — até obras-primas em prosa e verso. É o repositório da cultura clássica japonesa com pinceladas da Índia e da China; a maneira mais agradável de estudar o Budismo antigo e a História.

NÔ significa **atuação** ao pé da letra. Nele se harmonizam o canto — a dança — a declamação — os instrumentos.

O NÔ é definido como a **arte de se obter o máximo de efeitos com o mínimo de movimentos ou o máximo de significação com o mínimo de expressão.**

Características do NÔ

1 — A parte essencial é a **predominância de caráter búdico-xintoístico** e confucionista, associados numa apresentação solene, simbólica e literária, em voz grave, bem diferente do folclore japonês.

2 — Uso de **máscara** para representar deuses, personagens femininas e, principalmente, anciãos, seres sobrenaturais, etc. Todas as máscaras, esculpidas por artistas famosos, têm nome.

3 — Não utiliza maquiagem.

4 — Não são usadas expressões fisionômicas

nem mímica, mas **gestos simbólicos**. Há cerca de duzentos e cinquenta, com ou sem significado.

5 — O texto é todo em versos da era Kamakurá — 1192 - 1333 — do começo da dominação da classe dos samurais ou guerreiros. Já de linguagem arcaica na época, têm beleza transcendental — usam efeitos, trocadilhos e contrastes interessantíssimos.

6 — As partes são **declamadas ou cantadas** — estas, com ou sem compasso. Há monólogo, diálogo, dueto e coro de vozes uniformes. O coro sempre canta, nunca declama.

7 — Nas partes **cantadas em compasso**, os versos têm, geralmente, sete e cinco sílabas, inseridas em compasso de quatro e quatro com duas variações. Existem também compassos fracionários.

8 — Insinua-se e não se demonstra, obtendo-se o máximo de efeitos com o mínimo de movimentos.

9 — Riqueza de vestuários, muitos deles tesouros nacionais.

10 — Por enquanto, os profissionais são homens. Mas, desde a origem do NÔ, tem havido atrizes amadoras. Após a Segunda Guerra, o NÔ é matéria de grau universitário em Faculdade, aberto a ambos os sexos. Todo ano, formam-se professores de NÔ e de suas matérias. Portanto, podemos considerar as diplomadas semiprofissionais como atrizes.

O Nô

não é só forma visual,

como também

envolve as partes

filosófica, espiritual e até ética.

Também

não é apenas o elo final

para a compreensão da cultura japonesa,

e sim

a obra-prima do gênero humano.

Palco

Antigamente, representava-se contra o fundo de um bosque. A área usada era grande — até apreciavam cavalos em cenas de batalha. No fim dos anos mil e quinhentos, o NÔ é arte de todos, desde o Imperador até o último plebeu. Mais tarde, torna-se arte de câmara, protegido pelos senhores feudais. O

povo só consegue assistir aos espetáculos beneficentes nos templos. Ainda hoje, há representações ao ar livre, à luz dos archotes.

A parte principal do palco de NÔ mede seis por seis metros e, ao lado esquerdo, há uma passarela. Plantam-se três pinheiros diante dela para marcação em cena. O comprimento da passarela varia atualmente de oito e noventa a dezessete metros. O fundo é uma parede de madeira com a pintura dum grande pinheiro estilizado — reminiscência do antigo bosque. Ele está sempre lá — para diferenciação, usam-se objetos grandes e pequenos. Exemplos — barco — carrinho — monte — casa — túmulo — caruagem, etc.

Público

Fica diante do palco e da passarela. No passado, mesmo depois de fixadas as dimensões do palco e da passarela, a representação era ao ar livre e o público cercava-os praticamente inteiros. Porém ainda hoje, com o recinto fechado, a representação é **tri-dimensional** — diferente do *Kabuki*, o qual é o derivado popularizado do NÔ — e da cena italiana.

Personagens

- Protagonista e seus acompanhantes — se houver.
- Coadjuvante e seus acompanhantes — idem.
- Acompanhantes de acompanhantes.
- Ator-criança.
- Cômico — fazendo ou não parte da ação.

O coadjuvante sempre atua de rosto descoberto e é personagem masculina.

— Coro — fica na varanda própria (seis ou oito pessoas em duas fileiras). Nunca faz papéis nem usa vestes especiais.

— Auxiliares — ajudam o (a) protagonista a mudar a máscara, vestir o manto, entregam-lhe objetos, trazem e levam armações da cena, etc. Sua responsabilidade é imensa — se o protagonista desmaiar ou sofrer um colapso, o auxiliar toma seu lugar e o espetáculo continua.

Instrumentos

Os músicos são quatro, a maioria das vezes, três. Ficam ao fundo, em frente à parede do pinheiro pintado. Tocam flauta — tamboril grave — tamboril agudo — tambor achatado, tocado com baquetas.

Os músicos não são meros acompanhantes da ação, mas comandam-na, motivo por que eles de-

vem conhecer melhor o NÔ do que o próprio intérprete. Nos bailados só com a parte instrumental, sem canto, a flauta é a estrela porque executa a melodia. Há vários estilos para cada um dos instrumentos.

Música — Ação — Bailados

Existe Música de Abertura — Primeira Emissão de Voz — Flauta Rápida — Primeira Emissão de Voz com tambor, etc.

Bailados, existem cerca de vinte e um tipos diferentes. Os mais conhecidos — Bailado de Prelúdio — Médio — de Movimento — da Donzela Celeste — Divino — Masculino — Final — Oração — Rápido, etc.

Estilos de NÔ

Existem cinco — *Kanze* — *Hôshô* — *Kômparu* — *Kongô* — *Kitá*. Este último é o mais novo, com menos de trezentos anos de tradição. Cada estilo ou escola tem seu chefe há gerações.

Autores

Há vinte e cinco autores conhecidos. Kan-Ami, Zêami, Kômparu, o genro deste, Motômassa, o filho, etc. Zêami é também grande filósofo, deixando vinte livros notáveis, entre eles, o "*Tratado de Iniciação na Flor*".

Número e Tipos de Peças

Atualmente, representam-se duzentas e trinta, mas as compostas até hoje variam de mil e quinhentas a três mil segundo os estudiosos. As mais antigas são as melhores. Existem também as de cinquenta anos para cá, mas não têm o sucesso nem a qualidade daquelas.

Os tipos de peças são cinco: Divinas — Guerreiras — Femininas — Tipo Diverso — Fantásticas. Há também subdivisões e classificações segundo os bailados, o caráter, etc.

Exemplos: Divina — *Takassago*; Guerreira — *Iáshima*; Feminina — *Matsukaze*; Diverso — A Princesa de Aôï, Fantástico — *Shôjô* (O Gênio do Saquê). Cinco peças de NÔ e quatro de Kiôguen fazem um espetáculo completo, mas hoje em dia, há programas mais curtos.

Estrutura das Peças

Prelúdio — Movimento — Final — com subdivisões variadas. Têm, geralmente, um a dois atos. Raras têm três ou mais.



Máscara feminina de NÔ, denominada *Nakizô*, da autoria do escultor Zôami, um dos seis grandes artistas da era Muromati – 1338-1568 – especialista em máscaras desse tipo. Usada no estilo Hôshô para deusas em geral, donzelas celestes como em “Hagoromo”.

Máscaras

Elas, por si só, são obras de arte. As máscaras introduzidas da Índia e da China durante a formação da cultura japonesa tinham expressões fixas: se eram alegres, estavam sempre assim; se tristes ou zangadas, assim continuavam. Mas as máscaras de NÔ variam sua expressão conforme o ângulo, uma invenção típica dos artesãos japoneses. Há detalhes sutilíssimos de escultura e pintura que permitem isso. Um ator hábil pode mostrar tristeza, alegria, ódio com uma só máscara.

Indumentária

Embora haja menos tipos de vestimentas que máscaras, existem inúmeras combinações delas e dos acessórios como perucas, leques, chapéus, faixas para a cabeça e cintura. Deuses – deusas – guerreiros – aldeões – princesas – loucas e loucos – viajantes – monges – personagens fantásticas. . . – há diferenças e sutilezas, que o entendido só de olhar já sente.

As roupagens tomam a forma hoje conhecida no fim dos anos mil e quinhentos. Até então, os chefes das companhias de NÔ recebem vestes riquíssimas dos senhores feudais como prêmio por sua

arte. E elas passam a ser usadas no palco. Mais tarde, o artesanato próprio se desenvolve.

As roupas de NÔ são perfeitas vistas de longe e de perto. Mas as de *Kabuki* só são bonitas de longe. Porque o NÔ se desenvolve sob o patrocínio da aristocracia e o *Kabuki* no meio popular.

O NÔ é tridimensional, o *Kabuki* tem as duas dimensões da pintura.



“Hagoromo” ou Manto de Plumas, da autoria de Zêami – século quinze – peça feminina, por Sakurama Mitô, ator do estilo Kômparu. É a peça mais conhecida e apreciada pelo público. A protagonista é uma Donzela Celeste, espécie de anjo budista.

Divulgação do NÔ

O fundador Kan-Ami e seu filho Zêami são protegidos pelo ditador militar, o generalíssimo Ioshimitsu, da era Muromati – 1338-1568. E na primeira fase, porque Zêami vive de 1363 a 1443.

Mais tarde, os senhores feudais passam a ter suas companhias estáveis, havendo rivalidade entre elas. Os atores e músicos tornam-se funcionários do governo. Durante a ditadura Tokugawa – 1603 – 1868 – o NÔ se torna apanágio da aristocracia militar. E o povo, longe do NÔ, acolhe o teatro de

marionetes *Bunraku* e mais tarde, o *Kabuki*, de braços abertos. O *Kabuki* tem muitas peças derivadas do NÔ e as farsas *Kiôguen*, representadas nos intervalos das peças de NÔ, também passam adaptadas para o teatro popular.

Há peças de crítica aos costumes no *Kabuki*, as modernas para a época. Nas de NÔ, não existem críticas ao governo, porque a arte é protegida oficialmente. Mas não o elogiam — louvam o Imperador, símbolo do país, embora sem poder político algum. Representar o NÔ passa a ser ritual solene. Continua assim até a restauração do poder imperial em 1868, após quase setecentos anos de militarismo. Sem o apoio oficial, o NÔ entra em decadência, porém logo refloresce, graças à formação de sociedades mantenedoras.

Até antes da Segunda Guerra Mundial, moças e rapazes de boas famílias aprendem canto, bailado, instrumentos de NÔ. É como os ocidentais estudarem piano, balé, canto lírico.

Após a guerra, há ligeiro declínio — mas o que é bom permanece. O NÔ torna-se matéria de grau universitário para ambos os sexos. Escolas desde elementares às faculdades têm grupos de estudos da arte. Algumas faculdades apresentam elencos para a representação completa de peças. Há numerosos grupos amadores — um deles é famoso porque todos os seus membros são femininos.

Influência do NÔ na Cultura

Todas as artes, teatros e letras, mesmo as mais populares, posteriores ao NÔ, recebem influência dele, maior ou menor: o teatro *Kabuki*, a poesia *haikai*, as obras de ficção. . . Os livros de peças de NÔ são usados nas escolas para crianças, em templos, como textos didáticos. Os grandes escritores da transição para a época moderna são altamente influenciados pelo NÔ.

O primeiro ocidental a estudá-lo é o americano Fenolosa, professor universitário no Japão, falecido em 1908. Outros se interessam também e são influenciados pelo teatro, embora sem se aprofundarem muito. O Prêmio Nobel de 1968, Kauábata, Mishima e outros escrevem, adaptam escritos sobre o NÔ. Os europeus Barrault e Ionesco admiram muito a arte.

Existem, tanto no Japão como no Ocidente, algumas tentativas de adaptar técnicas de NÔ ao teatro moderno, o que é muito difícil. Porque o NÔ não é só forma visual, mas envolve as partes filosófica, espiritual e até ética.

Vários filmes japoneses, premiados em festivais internacionais, apresentam o NÔ em maior ou menor escala.

Atualmente, há três locais famosos no Japão, onde o teatro está bem no meio do povo: a ilha de Sado, onde o gênio Zêami passa anos de exílio no século quinze. Ali, até um vendedor de cavalos sabe representar; a vila de Kurôkawa, onde os próprios habitantes organizam seus espetáculos na noite de quatro de fevereiro — ninguém dorme, e o NÔ representado por eles é dos tempos em que era divertimento de todas as classes; em Kanazawa, no Estado de Ishikawa, o antigo senhor feudal era fanático por NÔ — diz-se haver dias em que o corvo não grana, mas nenhum em que não se ouça o canto de NÔ pela cidade. Em Kanazawa, quem não sabe NÔ e cerimônia do chá não é considerado cavalheiro. E como todos querem ser. . .

Tem havido apresentações regulares no estrangeiro.

O NÔ não é apenas o elo final para a compreensão da cultura japonesa, e sim a obra-prima do gênero humano.

EICO SUZUKI

(Eico Suzuki é paulistana, arquiteta e escritora. Publicou quatro livros: "Desafio ao Imortal", contos, 1970 — "Dick — aventuras de um cão dinamarquês", romance infantil — "NÔ — Teatro Clássico Japonês", ensaio, 1977 — "Literatura Japonesa — 712-1868", ensaio, todos pela Editora do Escritor, SP. As três primeiras obras foram premiadas. Membro do grupo Hakuiôkai, em São Paulo, o único da América Latina que estuda e divulga o NÔ, fundado por seu avô paterno, Nobúki Suzuki, professor universitário, durante sua visita de conferências ao Brasil, sob os auspícios do Ministério de Relações Exteriores e de Cultura do Japão, em 1939. A autora participou de mais de vinte antologias, organizando algumas infanto-juvenis, desde 1971. É a primeira sul-americana faixa-preta de Judô de Kôdôkan, diplomada em fevereiro de 1963. O grupo Hakuiôkai apresentou, em meados de outubro de 1964, a conferência sobre o NÔ pelo engenheiro Takeshi Suzuki, filho do fundador e atual presidente do grupo, seguindo-se a peça "Hagoromo" ou Manto de Plumas em versão condensada, pela primeira vez no original na América do Sul, ao vivo, no MASP, na Semana de Arte Japonesa organizada pela Sociedade Amigos da Cinemateca. Encerrou a noite a exibição do filme em cores "Tesouros do Japão". O grupo apresentou-se no ITA, em São José dos Campos, 1965, na televisão educativa, faculdades, clubes, no MASP, nova sede, em março de 1975, e no Teatro Santa Cecília, 1977, em Petrópolis, etc. Fez também dois documentários na década de sessenta. Membros famosos do grupo foram os consules Y. Sumiyoshi e T. Assayama, além do embaixador N. Ôkuti, que participaram de várias apresentações.)



Os Três Staretzi

O Arcebispo da cidade de Arkangelsk viajava de navio em direção ao mosteiro de Solovki. No mesmo navio viajavam peregrinos que iam visitar as Santas Relíquias. O vento soprava favorável, o tempo estava magnífico, o navio não jogava.

Quanto aos peregrinos, uns se tinham deitado, outros comiam, outros ainda, sentados em pequenos grupos, conversavam animadamente. Também o Arcebispo subiu ao convés, pondo-se a passear de um lado para o outro. Ao aproximar-se da proa viu um grupo de fiéis; entre eles, um *muji-que*¹ falava, apontando o mar. Os outros escutavam.

O Arcebispo parou, a olhar também na direção para a qual o *muji-que* apontava. Não se via nada, nada, a não ser o mar brilhando ao sol. O Arcebispo aproximou-se do grupo e ficou à escuta. Vendo-o, o *muji-que* descobriu-se e parou de falar. Imitando-o, também os outros se descobriram respeitosa-

mente. — Não se incomodem, irmãos. Também eu vim ouvir as suas histórias, amigo.

— Pois bem, — disse um mercador menos intimidado que os outros — este pescador estava justamente contando a história dos três *staretzi*.²

Ah! Bem. E que história é essa? — indagou o Arcebispo, e, dirigindo-se para o filarete, sentou-se sobre uma caixa. — Continue — ajuntou — também quero ouvir. Que mostravas tu aos outros, amigo?

— Aquela ilhota que se vê lá longe — disse o *muji-que*, indicando um ponto, à direita, na fímbria do horizonte. — É justamente nessa ilhota que os *staretzi* cuidam da salvação das suas almas.

— Mas onde fica a tal ilhota? — perguntou o Arcebispo.

— Digne-se Vossa Excelência olhar em direção do meu dedo. Vê aquela nuvem? Pois bem, um pouco abaixo, à esquerda... aquela manchazinha cinzenta.

O Arcebispo olhava, olhava; a água brilhava ao sol, mas, por lhe faltar o hábito, nada podia ver.

— Não vejo nada — disse ele. — Mas quem são os tais *staretzi*? Como vivem eles? Que fazem pela salvação das suas almas?

— São uns homens de Deus — respondeu o camponês. — Sempre ouvi falar neles, mas não tivera ainda ocasião de os encontrar. Encontrei-os o verão passado.

E o pescador recomeçou a história. Um dia em que havia saído à pesca, levava-o a maré a essa ilhota. Nem ele sabia onde estava. De manhã, andando pela ilha, encontrou uma isbazinha, e, perto da isbá, um *staretz*, e logo mais surgiram outros dois *staretzi*. Deram-lhe de comer, puseram suas roupas a secar, ajudaram-no a consertar sua barca.

— E como são eles? — indagou o Arcebispo.

— Um é pequenino, curvado, velhinho. Vestido com uma velha sotaina, parece ter mais de cem anos. Os pêlos brancos da sua barba começam a esverdear. É sorridente e sereno como um anjo do

céu. O segundo, um pouco maiorzinho e tão velho quanto o primeiro, usa um *caftã* rasgado, e a sua barba, grisalha, tem reflexos amarelados; é um homem forte; virou a minha barca como se fosse uma tina, sem sequer me dar tempo de ajudá-lo. Este também é alegre. O terceiro é muito alto, com barbas, de uma alvura de cisne, descendo-lhe até os joelhos; tristonho, as sobranceiras eriçadas sobre os olhos, anda completamente nu, salvo uma tanga feita de fibra trançada.

— E que te disseram eles? — perguntou o Arcebispo.

— Ah! Faziam tudo sem dizer grande coisa, e falavam pouco, mesmo entre eles. Um olhar apenas e compreendiam-se imediatamente. Perguntei ao grande se ali viviam havia muito tempo; carregou o sobrolho e resmungou não sei quê, num tom de zanga. Mas logo o velhinho pegou-lhe a mão, sorriu e o grande calou-se. O velhinho disse só: "Faz favor..." e sorriu.

Enquanto o camponês falava, o navio aproximava-se de um grupo de ilhotas.

— Olhem, vê-se agora perfeitamente — disse o mercador. — Digne-se Vossa Excelência olhar — ajuntou estendendo a mão.

O Arcebispo olhou. E viu de fato uma mancha cinzenta: era a ilhota. Fixou-a longamente; depois, indo de proa a popa, dirigiu-se ao piloto:

— Que ilhota é aquela, — disse — que se vê lá longe?

— Não tem nome. Há mui-

tas assim por estas paragens.

— É verdade, o que se diz, que os *staretzi* cuidam lá da salvação das suas almas?

— Dizem que sim, Excelência; não sei, porém, se será verdade. Há pescadores que afirmam tê-los visto. Mas há quem fale sem saber o que diz.

— Gostaria de desembarcar na ilhota para ver os *staretzi* — disse o Arcebispo. — Que devo fazer?

— Chegar até lá com o navio é impossível — respondeu o piloto. — É preciso ir de barco. Só o capitão pode dar a autorização!

Dirigiram-se ao capitão:

— Gostaria de ver os *staretzi* — disse-lhe o Arcebispo. — Não me poderão conduzir até eles?

Quis o capitão dissuadi-lo:

Possível é, perderíamos porém muito tempo. Ouso informar Vossa Excelência de que não vale a pena serem vistos. Ouvi mesmo dizer que os tais velhos são estúpidos, que não compreendem nada, e não sabem falar mais do que os peixes do mar.

— Gostaria de vê-los, pagarei o que for preciso. Conduza-me até eles.

Não havia que retrucar. Fizeram-se os preparativos, mudou-se o velame, o piloto virou a estibordo, aprofando à ilha. Uma cadeira foi colocada na proa, nela se sentou o Arcebispo, que se pôs a olhar. E todos os passageiros vieram para a proa, a olhar também a ilhota. Quem tinha boa vista já podia distinguir as pedras da ilha, mostrando aos outros a isbazinha. E logo alguém conseguiu ver os três *staretzi*.

O capitão trouxe os óculos de alcance, espiou por eles, estendendo-os depois ao Arcebispo.

— É mesmo — disse ele.

— Veja, à direita, na praia, uma pedra grande. Vêem-se também três homens.

Por sua vez, o Arcebispo ajustou os óculos na direção indica-

da, e olhou. E, de fato, viu três homens: um muito grande, outro menorzinho, o terceiro minúsculo. Em pé na praia, estavam de mãos dadas.

— É aqui, Excelência, que o navio tem de parar. Se quiser, poderá agora tomar o bote. Esperaremos aqui, ancorados.

Baixou-se a âncora, arriou-se o velame, sobre as ondas o navio principiou a oscilar docemente. O barco foi lançado à água. Para ele saltaram os remadores; o Arcebispo desceu pela escadinha.

Chegando em baixo, sentou-se num banco traseiro; os remadores começaram a remar, dirigindo-se à ilhota. Distinguiam-se agora, nitidamente, os três *staretzi*; um muito grande, nuzinho, tendo apenas uma tanga de fibra trançada; um outro, menor, de caftã rasgado; depois o velhinho, curvo, na sua sotaina rapada. Os três estavam de mãos dadas.

Os remadores bordejaram e acostaram à praia. O Arcebispo desceu a terra e abençoou os *staretzi*, que se desfaziam em reverências, depois, falou:

— Soube que cuidais aqui da salvação das vossas almas, *staretzi* de Deus; que orais ao Cristo pelo vosso próximo; e como, por graça de Deus, eu, seu indigno servidor, fui chamado a apascentar o seu rebanho, quis visitar-vos, a vós que servis ao Senhor, trazendo-vos, se possível for, a boa palavra.

Os *staretzi* quedaram-se silenciosos e, entreolhando-se, sorriram.

— Dizei-me, que fazeis pela salvação de vossas almas? Como servis a Deus? — prosseguiu o Arcebispo.

O *staretz* do meio suspirou e lançou um olhar sobre o velhinho.

O *staretz* grande fechou a carranca e olhou também para o velhinho.

Este sorriu e disse:

— Servo de Deus, ganhando o nosso pão, servimos a nós mesmos.

— Mas, então, como orais? — continuou o Arcebispo.

— Eis a nossa oração: “Sois três, somos três, dai-nos a Vossa Graça”.

Mal o velhinho pronunciara tais palavras e os três *staretzi* levantaram os olhos ao céu, repetindo:

— Sois três, somos três, dai-nos a Vossa Graça.

O Arcebispo sorriu e disse:

— É da Santíssima Trindade que ouvistes falar. Mas não é assim que se deve rezar. Tomei-me de amizade por vós outros, veneráveis *staretzi*. Bem vejo que quereis agradar a Deus, mas ignorais como Ele deve ser servido. Não é assim que se reza. Escutai-me, quero ensinar-vos. O que vos vou ensinar não fui eu quem inventou, mas a Sagrada Escritura de Deus, onde o Senhor indicou a cada um de nós como se deve rezar.

E o Arcebispo explicou como o Senhor se revelou aos homens. Explicou-lhes Deus Pai, Deus Filho, Deus Espírito Santo. Depois ajuntou:

— Deus Filho desceu à terra para salvar os homens; e eis como nos ensinou a todos a rezar. Escutai e repeti comigo:

E o Arcebispo começou:

— Padre Nosso...

E um dos *staretzi* repetiu:

— Padre Nosso...

E o segundo *staretz* repetiu:

— Padre Nosso...

E o terceiro *staretz* repetiu:

— Padre Nosso...

— Que estais no céu...

E os *staretzi* repetiram:

— Que estais no céu...

Mas o *staretz* do meio atrapalhou-se todo com as palavras, trocando uma pela outra; o *staretz* grande também não pôde continuar: os bigodes cobriam-lhe a boca, e, desdentado, o velhinho mal

podia articular.

O Arcebispo recomeçou a oração, os *staretzi* recomeçaram depois dele. Sentou-se numa pedra, formando os *staretzi* círculo em redor, olhando para a sua boca, repetindo o que dizia.

E o dia todo, até a noite, o Arcebispo batalhou com eles, dez vezes, vinte vezes, cem vezes, repetindo a mesma palavra, que os *staretzi* repetiam. Atrapalhavam-se, ele os corrigia, fazendo-os recomeçar.

E o Arcebispo não deixou os *staretzi* enquanto não lhes ensinou a oração de Deus. Repetiam-na todos juntos, depois cada um por sua vez. Tendo aprendido antes dos outros, o *staretz* do meio repetiu sozinho. Então o Arcebispo fez com que a recitassem e tornasse a recitar; os outros dois imitaram-no.

A noite principiava a cair, e a lua surgia do mar quando o Arcebispo se levantou para voltar ao navio. Despediu-se dos *staretzi*, que se curvaram até o chão. Fê-los erguerem-se, beijou os três, recomendou-lhes que rezassem como lhes havia ensinado, sentou-se no banquinho do bote e vogou em direção ao navio.

E como vogasse em direção ao navio, ouvia ainda os três *staretzi* que recitavam em alta voz a oração de Deus.

O bote se aproximou depressa do navio: não se ouvia mais a voz dos *staretzi*; mas, viam-se ainda os três na praia, ao luar, o velhinho no meio, o grande à direita, o outro à esquerda.

O Arcebispo chegou ao navio, subiu ao convés. Levantou-se a âncora, içaram-se as velas, que o vento infunou, e o navio, deslizando, seguiu viagem.

Encaminhou-se o Arcebispo para a popa e sentou-se, com os olhos pregados na ilha. Viam-se ainda os *staretzi*, depois também eles desapareceram. Exergava-se

agora apenas a ilha, que logo desapareceu, e só o mar cintilava, coruscando ao clarão da lua.

Deitaram-se os peregrinos, e no convés tudo silenciou. Só o Arcebispo não quis dormir. Solitário, olhava o mar, fixando o ponto onde desaparecera a ilha, e pensava nos bons dos *staretzi*. Lembrava-se da alegria que tinham mostrado, aprendendo a oração que lhes ensinara, e agradecia a Deus por se ter servido dele, na ajuda que enviara aos veneráveis *staretzi*, ensinando-lhes por sua boca a Divina Palavra.

Assim pensava o Arcebispo, de olhos fixos no mar, no ponto onde se sumira a ilha.

De repente, ao claro reflexo da lua nas águas, vê qualquer coisa branquear e reluzir. Será uma gai-vota, ou uma vela branca? Olha com maior atenção: não há dúvida de que é uma barca, pensa ele, uma barca com uma vela apenas e que segue o navio. Mas como vem depressa! Há pouco estava longe, longe, tão longe, e ei-la já perto; e depois é uma barca como nunca se viu, com uma vela que não se parece com vela nenhuma... No entanto, a tal coisa persegue o navio, e o Arcebispo não pode distinguir que coisa é. Será mesmo uma barca, um pássaro, ou um peixe? Parece um homem, mas é grande demais para ser um homem, e depois um homem não seria capaz de andar assim sobre o mar.

O Arcebispo levanta-se, dirige-se ao piloto e diz:

— Olhe só. Que é aquilo?

Mas já vira distintamente os *staretzi*, que, de barbas brilhando, correm sobre o mar e se aproximam do navio.

Tendo-se voltado, o piloto, assustado, larga a barra e exclama:

— Senhor! Os *staretzi* nos perseguem sobre o mar. E correm como em terra.

Ouvindo tais gritos, levan-

tam-se os passageiros, precipitam-se para a popa e todos vêm perfeitamente os *staretzi* correndo de mãos dadas, e os dos lados fazem sinais, para que parem.

Não se tinha tido tempo ainda de parar, e eis quando chegam eles ao navio, colocando-se a seu lado, e, alçando os olhos, dizem logo:

— Esquecemos, servidor de Deus, esquecemos aquilo que nos ensinastes. Enquanto repetimos, lembrávamos; mas uma hora não havia passado sem que repetíssemos a oração e já tínhamos perdido uma palavra, e esquecemos tudo, tudo! Ensinai-nos de novo.

O Arcebispo fez o sinal da cruz, curvou-se para os *staretzi* e disse:

— A vossa oração subirá de qualquer modo ao Senhor, *staretzi* de Deus.

E, ante eles, o Arcebispo curvou-se até o chão. E os *staretzi* ficaram um momento ainda imóveis; depois voltaram-se e puseram-se de novo a caminhar sobre as ondas.

E até de manhã viu-se uma grande luz brilhar para os lados por onde haviam desaparecido.

LEON TOLSTOI

NOTAS

1. *Mujique*: camponês.
2. *Staretzi*, plural de *staretz*, título honorário dado aos velhos sacerdotes.

Coleção "Contos do Mundo" Vol. I: "Os Russos - Antigos e Modernos" Cia. Editora Leitura, 1944, 1ª Edição.



ATUALIDADES

A HOLOGRAFIA DE DIETER JUNG

Em cada um de nós habita um Dr. Fausto seduzido de conhecimento. A natureza é o abrasante deserto que lhe rouba continuamente a água, e dos segredos que suas dunas agasalham, aqueles que o entendimento humano conseguem desvelar, dão forma e vida aos raros oásis que salpicam seus infinitos areais. Neles, de quando em quando, o velho doutor pode aliviar a garganta da sede que lhe provoca seu incontinido e impossível desejo de todo o deserto explorar.

No ano de 1.948, o físico húngaro Dennis Gabor — quando trabalhava em pesquisas para aprimorar o mecanismo de focalização dos microscópios eletrônicos — descobriu pistas que certamente estão nos conduzindo a um acolhedor oásis ainda inexplorado e ao qual chamou Holografia. O termo é uma composição das palavras gregas “Holos” (inteiro) e “Graphos” (sinal); de fato, holografia significa, literalmente, “imagem ou mensagem inteira”.

Os hologramas são “fotografias” tridimensionais que dão ao observador a mesma percepção de paralaxe e de profundidade que despertaria a visão da cena real. A fotografia convencional é o resultado de um processo que grava a luz refletida por um objeto e focalizada sobre um filme conveniente; a imagem que podemos apreciar é plana e não tem profundidade aparente. A diferença entre os processos fotográficos e holográficos reside, sobretudo, no fato de que as holografias, ao invés de registrarem a imagem enfocada de um objeto, registram a “interferência” entre a luz dispersada pelo objeto e a luz proveniente de uma fonte que ilumina diretamente o filme holográfico. No processo básico de construção de hologramas, tal interferência é conseguida através de um arranjo de espelhos, lentes e de um laser (figura 1). O feixe de luz emitido pelo laser é dividido em dois ao atravessar uma placa de vidro parcialmente refletora: um dos feixes é obtido da transmissão da luz através da placa — parte da sua luz se dispersa a partir do objeto que pretendemos holografar iluminando o filme; o outro feixe é conseguido pela reflexão do feixe original da placa divisora e ilumina diretamente o filme holográfico “interferindo” com a luz dispersada. Desta forma, o filme fica exposto aos componentes “claros” e “escuras” da interferência, quase todos imperceptíveis ao olho humano.

Quando iluminamos o filme revelado, a figura da interferência cria uma imagem “virtual” do objeto holografado (figura 2). A ilusão depende dos olhos do observador para focalizar os raios de luz provenientes do filme e convence porque — como já dissemos — mantém fielmente a paralaxe e a profundidade da imagem real. Precisamente por isso, ao olhar-

mos o filme a partir de um ângulo de vista diferente, captamos uma nova parte da figura da interferência e, conseqüentemente, vemos uma outra face da imagem virtual, como se o próprio objeto estivesse ali, diante de nossos olhos maravilhados. Na mente — enquanto as mãos apalpam o ar em busca de algo — atroa, refulgente, a inadaptação: como isto é possível?

Dieter Jung, o conhecido artista e pesquisador alemão, respondeu a esta e várias outras perguntas durante uma palestra que ministrou no dia 17 de abril passado no Museu de Arte de São Paulo — que, com o apoio do Instituto Goethe, realizou entre 12 e 29 do mesmo mês uma exposição de holografias, pinturas e desenhos do artista.

“O espelho é a chave para a compreensão da holografia”. Com esta frase, Dieter Jung iniciou uma envolvente narrativa das origens históricas desta técnica que, segundo ele, modificará os códigos visuais a que estamos acostumados. Contou então, para ressaltar o fascínio que um dia o espelho despertou, algumas idéias e crenças que cercaram este invento na Idade Média e no alvorecer da Renascença. Por exemplo, acreditava-se que os espelhos retinham as imagens que refletiam, por isso, somente pessoas e objetos especiais (papas, reis, imagens sagradas, etc.) deviam ser colocados diante deles; para muitos, o espelho era uma ligação entre o céu e a terra.

Lembrou que o espelho permitiu a descoberta de um poderoso código que permaneceu secreto e dominado por poucos durante muitos anos: a perspectiva geométrica. Este código, que trabalha com o “ponto de vista”, revolucionou a idéia que do espaço tinham tanto os artistas quanto os cientistas. Daí chegou-se à fotografia, ao cinema e, finalmente, à holografia. Enumerou, então, as aplicações da holografia, enfatizando que elas se estendem muito além do mundo artístico, atingindo a administração de negócios (caixas registradoras que lêem figuras de interferência holográfica contendo o preço, o código e o número de série do produto, enviando estes dados a um computador que atualizará o estoque, realizará a contabilidade), a arquitetura, a medicina (ensino da anatomia), os sistemas de segurança policial (passaporte, chapas de automóveis), a química, as artes gráficas, e muitas mais, como o “holofone”, uma integração do telefone com uma televisão holográfica (que, aliás, já existe), a publicidade (outdoors holográficos), a computação eletrônica de dados (armazenagem de dados por meio ótico e não magnético),

a educação. Fica claro, por esta pequena amostragem, que as possibilidades da utilização tecnológica da holografia se ampliarão vigorosamente nas próximas décadas.

Uma das características mais notáveis do holograma (também presente nos espelhos) é o fato de que, quando se quebra, cada pedaço dele contém toda a imagem. Isto tem sido utilizado no estudo do cérebro humano, e nas especulações a respeito das relações cérebro-mente: não seria o pensamento, "imagens holográficas" registradas no cérebro?

A holografia também afetará a filosofia, como o fez a noção de perspectiva; basta observar o que disse Ortega y Gasset sobre esta última: "A perspectiva é um dos componentes da realidade. Longe de ser sua deformação, é sua organização. Uma realidade

que, vista a partir de qualquer ponto resultasse sempre idêntica, é um conceito absurdo. Esta maneira de pensar leva a uma reforma radical da filosofia e, o que importa mais, de nossa sensação cósmica." O filósofo não para aí: "Cada vida é um ponto de vista sobre o universo. A rigor, o que ela vê não o pode ver outra, cada indivíduo — pessoa, povo, época — é um órgão insubstituível para a conquista da Verdade."

Dieter Jung prevê que a holografia provocará uma revolução de igual magnitude no pensamento; ela constituirá um novo posicionamento da consciência humana frente à realidade.

Não ficam dúvidas; os acontecimentos que estão delineando este final de século, atestam que uma nova civilização está sendo fecundada, pouco a pouco, como convém à História.

GEORGE HAUACH BARCAT

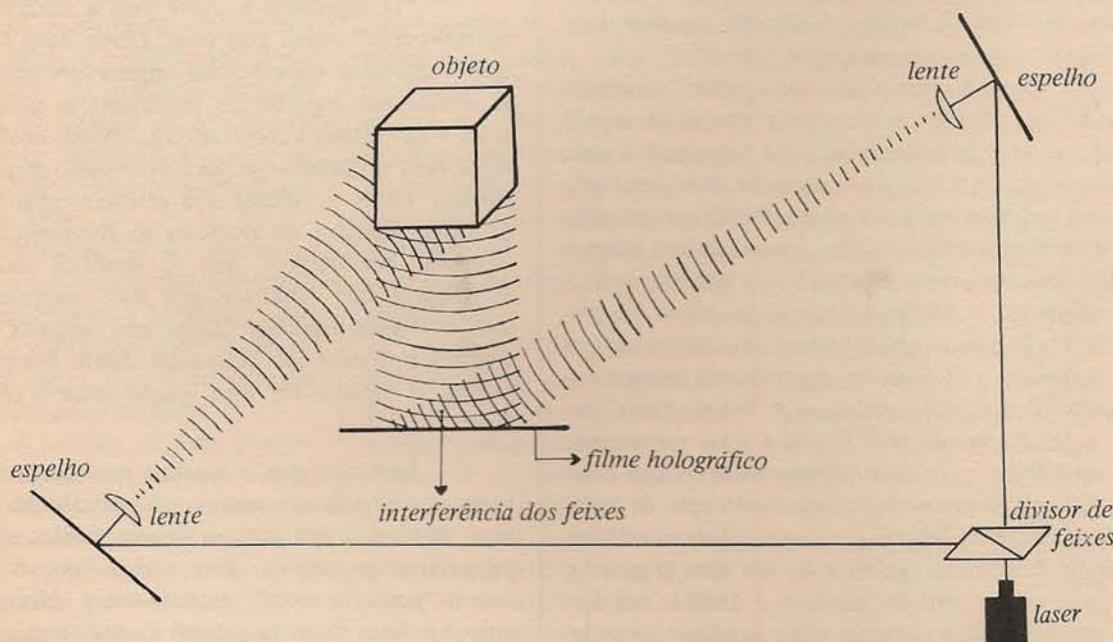


FIG. 1 : ESQUEMA DE UM PROCESSO BÁSICO DE CONSTRUÇÃO DE HOLOGRAMAS

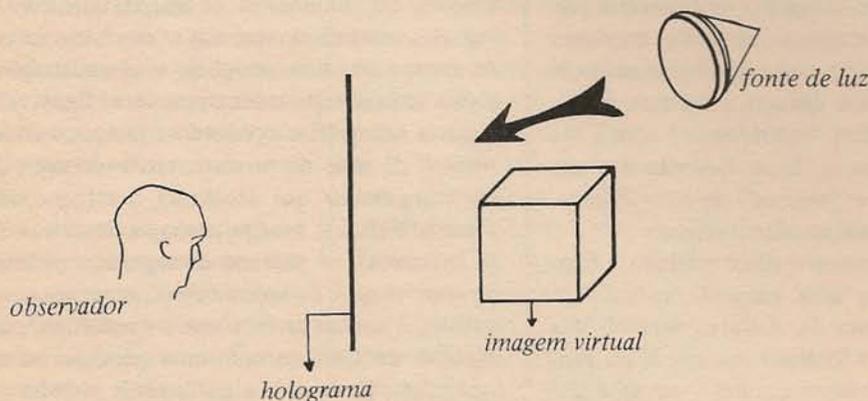


FIG. 2 : OBSERVAÇÃO DE UM HOLOGRAMA

À GUISA DE UMA INTRODUÇÃO AO ESTUDO DA KABBALA

Continuação da palestra proferida por Ignácio da Silva Telles em 9 de outubro de 1982, no auditório da Associação Palas Athena.

II

Em busca da palavra perdida.

1— A Kabbala, entre outras finalidades, procura despertar nosso entendimento para o “número” e o “verdadeiro nome” das coisas. Que significa “número” e “o verdadeiro nome”?

No Livro da Sabedoria lemos a seguinte frase: “pela grandeza e formosura da criatura se pode visivelmente chegar ao Criador”.¹ Muito embora o Livro da Sabedoria não pertença aos livros canônicos de Israel (e por essa razão também não se inclui na Bíblia protestante), escrito muito provavelmente por um judeu da Alexandria entre o segundo e o primeiro século antes de Cristo, recebeu uma clara influência do Livro dos Provérbios e do Eclesiastes, e também das escolas pitagóricas. Por não ser canônico, nem por isso grandes estudiosos do judaísmo, como por exemplo o Rabino André Zaoui, diretor do Instituto Internacional de estudos hebraicos de Paris, deixam de reconhecer nesse livro “uma obra que ocupa um lugar de destaque entre os livros sapienciais da Tradição.”²

Um mesmo espírito inspira a mensagem esotérica dos centros iniciáticos das civilizações ao longo de milhares de anos. Há como uma cordilheira de pensamento varando os séculos, sobre a qual se estende a mesma linha de espiritualidade que ilumina os mais altos píncaros. É um “universalismo espiritual”, na expressão do Rabino André Zaoui³, e na atmosfera desse “universalismo” foi escrito o Livro da Sabedoria. Essa doutrina vem sendo apresentada em modelos os mais variados, para atender às mais diversas sensibilidades espirituais, de acordo com a mentalidade e formação de cada povo. Pela pesquisa arqueológica e pela observação cada vez mais meditada e anagógica de textos antigos, sobretudo nos últimos decênios, vão emergindo, das areias dos desertos e da ignorância, cada vez maior número de testemunhas da espiritualidade dos povos, como janelas que se vão abrindo para a compreensão do espetáculo da vida interior da humanidade. Às vezes, o que nos atinge pelo que vislumbramos por uma dessas janelas ajuda-

nos a entender a mensagem oculta que procurávamos nos símbolos de alguma outra civilização.

Essa linha de pensamento, entre os hebreus, desde o século II até o XV de nossa era, exprimiu-se sobretudo através da Kabbala. Nada se há de estranhar, portanto, que nestas breves considerações sejam citados textos não tidos como canônicos entre os judeus.

2— “Pela grandeza e formosura da criatura se pode visivelmente chegar ao Criador”. “Grandeza” refere-se a número, “formosura” a nome.

O Evangelho de João, obviamente também não canônico para os judeus, começa com aquelas frases fascinantes: “No princípio era o Verbo, e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. Ele estava no princípio com Deus. Todas as coisas foram feitas por Ele, e sem Ele nada que se fez foi feito”.⁴ No Rig-Veda dos hindus, talvez o mais antigo livro conhecido da Civilização Védica, encontramos o mesmo pensamento: *Vac*, a palavra originária, gerou o Pai e produziu todo o Universo.⁵

O Verbo é a Palavra. A Palavra é o Som. O texto bíblico diz que todas as coisas foram feitas pelo Verbo, isto é, pelo Som. Portanto, todas, absolutamente todas — não só deste universo como de todo o número infinito de outros universos — todas emanaram desse Verbo e receberam, todas elas, cada uma à sua maneira e na sua medida, uma determinada participação do som primordial. Por conseguinte, todas elas têm um som próprio, cada som vibrando em sintonia com o som original. Tudo é som; ora, som é vibração, portanto, tudo é vibração, tudo é movimento. Para os hindus, é a permanente dança de Shiva.

Ora, o som particular de cada coisa é o seu nome verdadeiro.

Aconteceu, porém, que, aqui nesta Terra, os homens por via de regra, havendo neles adormecido a sensibilidade para ouvir o som original das coisas, perderam a noção do verdadeiro nome delas e se puseram a inventar palavras para as designar.

O adormecimento do ouvido corresponde a uma diminuição análoga dos demais sentidos. Diziasse, nos centros esotéricos do Egito antigo e nos Mistérios de Elêusis da Grécia, que esse atrofiamento foi

como se os cinco sentidos tivessem sido encobertos com sete véus. Entre os Iniciados, porém, sempre se acreditou na possibilidade de se retirar os véus, um após outro, num penoso e persistente trabalho de purificação e de perfazimento, até se chegar a ter olhos para ver e ouvidos para ouvir, na expressão de Cristo. O famoso espetáculo a que muito mais tarde, já em tempos de envelhecimento da civilização grega, se deu o nome de "dança dos sete véus" nasceu de um ritual presenciado só por Iniciados, no qual se procurava representar os esforços despendidos pelos postulantes da vida plena, no processo de desvelamento dos sentidos.

Esses sentidos, enquanto obumbrados, impedem os homens de perceber a verdadeira realidade das coisas. Eles as vêem só na sua mais periférica aparência e nem se dão conta da pobreza a que decaiu sua percepção. Ignoram sua própria ignorância. Nem sabem que deixaram de ver o "nomenon" das coisas, isto é, a coisa em si, atrás das aparências, e que passaram a ver somente o "fenômeno", isto é, a sua manifestação sensível e conceituável. É que bruxoleou neles e se apagou de vez o entendimento da essência — aquilo em virtude de que a coisa é o que é — e se permitiram ser atraídos pelo mero espetáculo da existência de cada coisa.

Dessa maneira, desligaram-se da natureza íntima do mundo e, por via de regra, tornaram-se incapazes de surpreender em flagrante a participação do Belo Absoluto que reside em segredo no recesso de cada coisa criada. Por acréscimo, nem se dando conta dessa incapacidade, desligaram-se também da natureza profunda do ser humano. Atirados à superfície de seu próprio ser, passaram a cuidar quase somente daquilo que os restos de seus sentidos lhes permitem conhecer, e a interessar-se quase exclusivamente pelos bens rasteiros que eclodem nessa superfície em que rastejam.

A própria inteligência, reduzida a mera função raciocinante, perdida que foi a lembrança de outras dimensões cognoscitivas, atrofiou até mesmo a capacidade de pasmo — susto da alma — diante do mistério da existência das coisas.

E então aconteceu que, por se ter perdido a noção do verdadeiro nome das coisas, o mundo da natureza deixou de ser o pórtico para o mundo transcendental.

3— Mas eis que, positivamente, não anda o homem desamparado neste exílio, ao caminhar pelos trilheiros de sua vida. O verdadeiro nome das coisas, embora banido da paisagem racionalista do mundo, mergulhou no universo interior de cada ser humano, nas esferas encobertas do inconsciente, e ali permaneceu quase sempre em silêncio, mas sempre vibrante, alimentando as energias insondáveis do coração.

O ressoar desse som, às vezes aflorando de leve na consciência, é que impede o homem de deleitar-se em total plenitude com os bens rasteiros a que suas dimensões menores o atiraram. É esse ressoar que consegue, vez ou outra, despertar a dimensão própria do ser humano, criando nele resistências que não o deixam tranquilamente adaptar-se ao mundo que a seus olhos se tornou desencantado, um mundo sem beleza e sem razão de ser. É desse não conformismo que brota o anseio do Belo e o fervor na criação de uma obra de arte. De fato, tanto a poesia como a música, assim como toda a verdadeira arte, é sempre um sofrido anseio para fazer aflorar à consciência um eco distante do som original das coisas. E é também desse inconformismo que brota a sofreguidão à busca do Bem e da Verdade, nos quatro planos em que podem se apresentar tanto a Verdade como o Bem.

Ora, a Kabbala é um estudo e uma disciplina mental que nos põe na direção para descobrirmos, nas origens da Tradição Hebraica, certas chaves que podem nos ajudar a fazer reviver em nós a lembrança do som original das coisas, e, com isso, nos religar com a transcendência.

III

O alfabeto hebraico.

1— O alfabeto hebraico é o fundamento de toda a Kabbala. Por meio dele se percebe a íntima relação que existe entre o nome e o número das coisas. Em seguida talvez se comece a entender que de fato há uma linguagem dos números, porventura bem mais profunda do que a das palavras.

Esse alfabeto é constituído de 22 letras. Por que 22? Uma das maneiras de se abordar essa questão é pela consideração inicial de que a circunferência é o sinal gráfico que simboliza a Verdade Absoluta. Aliás, essa simbologia nós a encontramos em diversas civilizações diferentes. A rigor deveria ser o ponto, mas como o ponto é infinitamente pequeno, ele não pode ser representado graficamente, pois que qualquer expressão gráfica do ponto terá necessariamente alguma dimensão e, portanto, já não é ponto. Em vez do ponto tomou-se a circunferência. Em verdade, diante da infinita grandeza do Universo, uma circunferência de qualquer tamanho será sempre igual ao ponto, pois que qualquer número, diante do infinito, é igual a zero.

Toda a ciência denominada a Ciência Numeral repousa na estrutura geométrica da circunferência.

A circunferência, portanto, representa a Verdade Absoluta. Ora, dentro da circunferência podem inscrever-se toda sorte de polígonos. Mas se con-

siderarmos somente aqueles polígonos regulares, cujo ângulo interior seja de graus inteiros e cujos lados se estendam até o encontro com a linha da circunferência, logo verificaremos que numa circunferência de 360° só se podem inscrever 22 polígonos, cada um se referindo a um divisor de 360.

Ora, a cada um desses polígonos se fez corresponder uma letra do alfabeto hebraico, significando, cada uma, determinada participação da Verdade Absoluta do respectivo polígono. O conjunto das 22 letras representa a Verdade Total. Por essa razão, esse alfabeto é respeitado como sendo um Alfabeto Sagrado.

Na realidade, como bem se sabe, há 24 divisores inteiros de 360, portanto, dois a mais que os correspondentes às letras do alfabeto. Mas é que nem o 1 e nem o 2 correspondem a polígonos. Esses dois números mantêm-se por fora de qualquer manifestação espacial, porque não existe nenhuma figura ou objeto geométrico anterior ao triângulo. Essa exclusão na ordem universal deriva da lei básica em virtude da qual toda a manifestação espacial exige a trindade e começa por ela. Nesse sentido, Platão, no diálogo Timeu, faz curiosas observações sobre o triângulo.

É bem de ver que o alfabeto hebraico, assim como o chinês, não é essencialmente fonético.

Nº de Ordem	Letra	Valor Exotérico	Valor Esotérico	Valor Secreto	Nº de Graus do Polígono
1	aleph	1	3	1	120°
2	beth	2	4	3	90°
3	ghimel	3	5	6	72°
4	daleth	4	6	10	60°
5	hé	5	8	15	45°
6	vav	6	9	21	40°
7	zayin	7	10	28	36°
8	heth	8	12	36	30°
9	teth	9	15	45	24°
10	yod	10	18	55	20°
11	kaph	20	20	66	18°
12	lamed	30	24	78	15°
13	mem	40	30	91	12°
14	noun	50	36	105	10°
15	samekh	60	40	120	9°
16	hayin	70	45	136	8°
17	pé	80	60	153	6°
18	tzadé	90	72	171	5°
19	qoph	100	90	190	4°
20	resch	200	120	210	3°
21	schin	300	180	231	2°
22	tau	400	360	253	1°

Essa vida secreta dos números, conjunto de suas virtualidades, pode às vezes ser surpreendida, nos raros momentos em que nosso entendimento se aclara para perceber a sua natureza qualitativa. Im-

Todas as suas letras são consoantes. Nesse alfabeto, originalmente, não há vogais. Sobre a evolução das vocalizações sucessivas do hebraico é interessante consultar o segundo capítulo da grandiosa obra de Fabre d'Olivet "*La Langue Hébraïque Restituée*"⁶. Como nos ensina Raymond Abellio⁷, a vocalização involutiva da escrita foi obtida pela adunção ulterior da pontuação chamada massorética, à qual se convencionou também atribuir um valor numeral. Convém lembrar, entretanto, que este valor numérico atribuído por convenção, sem nenhuma consideração pela natureza íntima dos sinais gráficos, não possui nenhuma significação esotérica.

Os hebreus não tinham algarismos. Os números eram designados pelas letras do alfabeto, assim como se pode verificar no quadro anexo. Nesse quadro, a coluna do "valor exotérico" traz a correspondência entre os números e as letras que os designam.

2— Os números não são entidades estáticas. A Kabbala nos faz compreender que são dotados de uma vibração e de uma poderosa energia interior que lhes insufla um ímpeto de estar permanentemente de partida, num vôo para fora deles mesmos, sempre na direção de um outro determinado número mais alto, no qual — digamos assim — poderão atualizar-se em todas as suas potencialidades.

possível explicar o que vem a ser a natureza qualitativa dos números porque pertence a uma faixa de realidades não conceituáveis e que, portanto, a razão humana não pode mesmo alcançar. Assim também é

a magia da música ou a poesia de um poema. Pelo fato de a razão não alcançar, não significa que não sejamos capazes de compreender, pois o ser humano é dotado de inúmeras outras faculdades intelectuais de conhecimento além da faculdade racional. Essas outras faculdades, nestes atribulados tempos de envelhecimento da civilização, por via de regra andam adormecidas. Mas assim como podemos compreender a mensagem de uma música, numa compreensão intraduzível em linguagem conceituável, assim também, às vezes, em rápidos lampejos, somos tocados pela mensagem da natureza qualitativa de algum número.

Debrucemo-nos, por exemplo, sobre a idéia-número cinco. Não me refiro ao algarismo 5, porque o algarismo é apenas a roupagem do número, atrás da qual o número se esconde. O cinco, claramente, é uma entidade maior que o quatro e menor que o seis. Até aí, nada de especial. Mas, mergulhando nossa atenção exclusivamente no cinco, sentiremos nele todo um conjunto de virtualidades. Para começar, o cinco, para existir, precisa que exista anteriormente o um, com toda a sua virtualidade, e mais o dois, e mais o três e mais o quatro. O cinco tem em si as virtualidades de todos os números anteriores, acrescidas de suas próprias virtualidades. Ora, a soma dos números anteriores, e mais o próprio, dará um número mais alto, que é a meta para onde cada número parece querer voar. Essa somatória tem sido chamada o valor secreto do número. No caso do cinco, $1 + 2 + 3 + 4 + 5$, o valor secreto é o número 15. A fórmula para se obter o valor secreto de qualquer número é: $VS_n = \frac{n+1}{2}$

A compreensão do valor secreto dos números adquire para nós uma grande importância, na medida em que percebamos nele uma sugestão e um convite para que, nós também, cultivemos em nós mesmos um estado de espírito em virtude do qual estejamos também sempre de partida num vôo à busca de nosso próprio valor secreto.

É claro que uma explicação como esta apenas revela alguma coisa da anatomia dos números, e nem de leve sugere a existência de uma vida, vida esta que é necessariamente mais real do que a vida que pensamos conhecer nos seres viventes. Ao se falar sobre estes assuntos, todas as palavras são toscas e inadequadas. É preciso contar com a capacidade do leitor destas páginas para voar além do que dizem estas palavras.

3— Ora, pelo que ficou explicado neste capítulo, infere-se desde já que as letras do alfabeto hebraico, segundo o ângulo pelo qual as consideramos, apresentam significados diversos.

O primeiro significado, obviamente, é o literal. Mas, em seguida, pelo que demonstra o quadro

de referências numéricas à pg. 21, logo se observa que cada letra tem correspondência com os números dispostos em várias colunas. Assim, por exemplo, a letra "aleph", por ser a primeira do alfabeto, corresponde ao número um, mas como também se refere ao primeiro polígono que é o triângulo, a letra "aleph" vibra numa íntima ligação com o número 3. E como no triângulo os ângulos interiores têm 120° , a letra "aleph" também tem uma forte ressonância com o número 120.

A letra "beth", por ser a segunda letra do alfabeto, corresponde ao número dois, mas como também se refere ao segundo polígono que é o quadrado, a letra "beth" vibra numa íntima ligação com o número 4. E, como no quadrado os ângulos interiores têm 90° , a letra "beth" também ressoa com o número 90. E assim por diante, até a letra "tau", que é a 22ª, correspondendo ao polígono de 360 lados, com 1° cada ângulo.

Estas afinidades entre as letras e os números evidentemente não foram convenções inventadas, mas brotam da própria natureza das coisas, assim como as notas de música são harmônicas com certas outras e não com as demais, pela própria natureza das vibrações sonoras.

Na descoberta desse estranho e profundo parentesco entre as letras, os números, e também entre os grupos de números, a Kabbala ressalta a enorme importância das relações entre os números contidos na coluna da ordem, e na do valor esotérico, esta que se refere ao número dos lados do respectivo polígono, e, com isto, nos fazendo mergulhar na harmonia das formas puras e de sua ressonância com as letras e portanto, também, com as palavras. No fundo, a Kabbala é um pêndulo que nos faz despertar para o som originário das coisas.

Além dessas significações, não se pode deixar de observar que cada letra do alfabeto hebraico apresenta um determinado desenho. Ora, cada um desses desenhos é um ideograma, isto é, um símbolo gráfico que representa uma idéia, como foram os hieróglifos do antigo Egito e como é, ainda hoje, a escrita chinesa. Seja dito de passagem que o Japão dos dias presentes, na medida em que se desprende de sua antiquíssima e sagrada escrita ideográfica para ir adotando a caligrafia comum do ocidente, vai, inevitavelmente, matando a sua própria alma.

Com estas breves informações sobre as letras do alfabeto hebraico, podemos começar a compreender a intrincável complexidade do estudo que procura desvelar um pouco a verdadeira significação que se encontra oculta nos mais importantes textos sagrados, como por exemplo os vinte primeiros capítulos do Livro do Genesis.

CONTINUA NO PRÓXIMO NÚMERO

Confusão de conceitos em Psicologia

Ao ler a tradução espanhola do comentário de C. G. Jung do livro tibetano *A Grande Extinção*, pasmou-me o uso inadequado da palavra “mente” como tradução do termo sânscrito *cit*. Confrontando-o com a versão inglesa, descobri a palavra *mind* igualmente mal empregada, mas cujo significado pelo menos é um pouco mais amplo. No prefácio escrito em alemão deparei-me, também com espanto, com o fato de que o próprio Jung usava três palavras diferentes, com certeza por entender serem mais de acordo com o conceito que ele quis expressar: *Geist* (espírito), *Bewusstsein* (consciência) e *Intellekt* (inteligência).

Este grave erro só pode ser explicado pelo fato de Jung considerar que não existe mais consciência fora da **autoconsciência**. Entretanto, como Bucke demonstrou sobejamente em seu livro *Consciência Cósmica*, o homem, no estado de êxtase, continua bem consciente, não obstante sentir-se unido à consciência total de todo ser vivo.

Obviamente a errônea apreciação de Jung deriva de sua educação que reconhece no homem tão somente **corpo** e **alma**. Desse modo, o que existe fora da psique situa-se também, para Jung, fora da consciência.

Todas as religiões admitem uma divindade imanifestada que se manifesta de maneira tríplice, e que o homem, criado à imagem e semelhança dessa divindade, é triplicadamente constituído, sendo dotado de **corpo**, **alma** e **espírito**. O cristianismo original tam-

bém adotava este conceito, e somente no século nono é que foi decidido, por intermédio de decreto conciliar, que o homem consiste apenas de corpo e alma, podendo alcançar o espírito unicamente através dos sacramentos da Igreja. O apóstolo Paulo, no entanto, faz referência ao homem somático (físico), ao psíquico (alma) e ao pneumático (espírito). De origem farisaica, São Paulo conhecia bem a Kabbala hebraica, que fornece uma explicação acerca do homem, em termos psicológicos e espirituais, semelhante em muito à da Vedanta, que é a base do livro *A Grande Extinção*, do qual Jung escreveu o mencionado prefácio.

A Vedanta ensina que há uma divindade numinosa, nem masculina nem feminina, portanto de caráter neutro, o *Tat* (“Aquilo”). Manifesta-se de forma tríplice como *Sat* (ser), *Cit* (consciência) e *Ananda* (beatitude). Tudo o que se manifesta, em maior ou menor grau, participa desses três constituintes.

No ser humano, o *cit* manifesta-se primeiramente pelos *samskaras*, constituídos pelos resíduos físicos, psíquicos e espirituais de encarnações anteriores e pela herança genética. *Manas*, a mente, é originada pela percepção, a partir da sensibilidade e do pensamento. São duas faculdades receptivas que também o animal possui. Porém, no animal a sensibilidade é mais desenvolvida do que o pensamento, que não chegou ainda à discriminação. Esta, conforme a narração bíblica, o homem atingiu quando comeu do fruto da Árvore

do Bem e do Mal, tendo sido por isso expulso do paraíso e passado a um mundo de preocupações.

De acordo com a concepção indiana, o homem adquire autoconsciência através da discriminação, e forma assim seu *ahamkara*, seu “eu” pessoal (*persona*). Desenvolve, então, duas faculdades positivas, a **discriminação** e o **sentimento**, que correspondem às duas receptivas, sensibilidade e pensamento.

O indiano acredita que o órgão-sede dessas duas faculdades positivas é o coração; basta ver que a pessoa autoconsciente quando afirma “eu fiz isto”, bate no peito ao invés de indicar a cabeça. Esse coração, entretanto, não deve encontrar-se no lado esquerdo do peito, mas no meio, e mesmo mais para a direita, onde se localiza o timo. Estranha coincidência: a ciência designa essa glândula com a palavra *thymos*, que em grego significa “fígado”, e para os antigos gregos era aí a sede das emoções. Homero situa no timo o pensamento de seu herói Odisseu.

O conjunto formado por *samskaras*, *manas* e *ahamkara* a Vedanta denomina de *cittam*, palavra provavelmente composta de *cit* e *aham* (eu), e que corresponde à nossa idéia de psique.

Quando o homem se conscientiza de suas quatro faculdades e sabe unificá-las (na individualização), ele atinge *buddhi*, a intuição. Alçando-se mais em direção ao *Sat-Cit-Ananda*, ele atinge *atma* (o si mesmo, *self*), o seu ser eterno; em seguida, desfazendo-se de toda individualidade, torna-se Brahma, Deus Criador, e finalmente *Tat*,

deus numinoso. O *cit* divino existe já na criação inicial e se desenvolve através dos reinos mineral, vegetal, animal e humano, até atingir o estado de iluminação, o estado de *Buddha*.

Na Kabbala nos deparamos com idéia semelhante, que indica o mesmo caminho. O Deus imanifestado *Ain* (nada), *Ain Soph* (não existência), *Ain Soph Aor* (não existência da luz), manifesta-se através de dez emanções, denominadas *Sephiroth* (cifras). A manifestação decorre em quatro etapas: Emanação, Criação, Formação e Matéria.

O triângulo da emanção é constituído por: *Primum Mobile* (volição, domicílio do planeta Plutão), Espaço (o zodíaco) e Tempo (Saturno ou Cronos). Estamos ainda no mundo do Ser, e este triângulo apresenta-se com um vértice para cima, símbolo do elemento Fogo.

Entramos no mundo do Estar em três etapas: os dois triângulos de Criação e Formação, com vértice para baixo, símbolo do elemento Água, e o globo terrestre simbolizando a Matéria.

A volição de Deus Criador aprofunda-se na matéria e de lá ascende, ao longo da coluna da consciência. Já existe na matéria uma consciência inicial: em torno do núcleo gravitam elétrons, os átomos se juntam formando pedras, e é nítida a diferença de grau evolutivo entre as pedras comuns e as pedras preciosas. A planta realiza movimentos para melhor captar a luz do Sol e estende suas raízes em direção à água; evolui produzindo flores e frutos para se reproduzir.

No animal se desenvolvem os cinco sentidos e um órgão que transmite as experiências à consciência: o cérebro, a nona *Sephira*, na ponta do triângulo da Formação. O cérebro, domicílio da Lua, desenvolve duas faculdades referentes à percepção do ambiente, a

sétima *Sephira* da sensibilidade (relacionada com Vênus) e a oitava *Sephira* do pensamento (relacionado com Mercúrio), correspondendo aos dois hemisférios cerebrais. O animal é primeiramente sensível, começando depois a pensar, mas prevalecendo sempre a sensibilidade.

Com o advento do pensamento lógico entramos no triângulo da Criação. O mito bíblico diz que o homem comeu do fruto da Árvore do Bem e do Mal, em realidade, aí surgiu a discriminação entre eu e não-eu, aí surgiu o egoísmo. Criou-se o que a Vedanta chamou de *ahamkara*. Como a discriminação é, de certo modo, uma forma positiva de pensamento, desenvolve-se também uma forma positiva de sensibilidade que é o sentimento. Quando o homem consegue equilibrar em sua psique os quatro fatores — sensibilidade, pensamento, discriminação e sentimento — ele se torna individual e atinge o que Jung chama de **individualização**.

O homem autoconsciente é representado na sexta *Sephira*, regida pelo Sol. Os dois triângulos de Água juntos formam o que nós chamamos de psique e que o indiano chama *cittam*.

A psique é fertilizada pela emanção do triângulo superior de Fogo. No ritual da Igreja Católica podemos encontrar um símbolo correspondente: a cada sábado de Aleluia, o sacerdote introduz a chama de uma vela na água batismal, produzindo assim a **água benta** para todo o ano.

O triângulo de Fogo determina na coluna da consciência (espinha dorsal), entre as *Sephiras* do Espaço e do Tempo, um ponto sensível, divulgado somente nas iniciações secretas, o *Ain Shema* (sem nome), o Messias dos judeus, ou o *self* da psicologia profunda. É regido pelo planeta inspirativo Netuno.

Entre o triângulo de Fogo e o primeiro triângulo de Água — acima, portanto, do conjunto psíquico — existe uma *Sephira* secreta, *Daath*, regida pelo planeta Urano, a qual representa a intuição.

C. G. Jung, provavelmente influenciado por sua educação cristã, achava que além da psique não poderia mais existir consciência, e incluiu a intuição entre as faculdades da psique. A intuição, porém, é emanção do triângulo de Fogo, ou seja, do espiritual; a intuição já está além da autoconsciência, e surge quando os quatro fatores da psique são unidos, conscientizados, na individuação.

Assim, o caminho evolutivo parte da *kriptomnésia* (Plutão) para o inconsciente (Lua) e para a percepção, que surge no segundo triângulo psíquico, como decorência de sensibilidade e pensamento; poderíamos chamar este triângulo de animal. Após essa etapa, advém a autoconsciência, gerada no primeiro triângulo de Água pela discriminação e o sentimento, dando margem à individuação. Em seguida, através da intuição e inspiração (Urano e Netuno), atinge-se o *self*, o *em si*, formado entre Tempo e Espaço no triângulo de Fogo. A última etapa é o Deus Demiurgo, o *Primum Mobile* (Plutão, a volição), a dissolução na Divindade Absoluta.

Desse modo, segue o homem o caminho da evolução na direção inversa das emanções (*Sephiroth*), unindo-se por fim à divindade da qual inicialmente emanou.

Ilse Maria Spath



Introdução ao Pensamento SUFÍ

É de conhecimento popular e verificação experimental particular que, de tempos em tempos, as comunidades humanas passam por uma espécie de frenesi ou movimentação coletiva, fundamentada no caráter emocional/imitativo dos indivíduos, o qual pode ser estudado de volta até ao instinto tribal. Tal processo, a que todos nós indistintamente estamos expostos, queiramos ou não, gostemos ou não, é vulgarmente chamado de “moda”.

Parece que o Sufismo e os Sufis estão virando moda atualmente...

Para podermos compreender como é que os Sufis vêem o processo de vulgarização das idéias Sufis e a aplicação indiscriminada e imitativa das mesmas, aliadas a uma total ignorância das estruturas e mecanismos sobre os quais o Sufi se apóia e, ao mesmo tempo, tentarmos observar como o Sufi aplica uma técnica capaz de revelar a real natureza do fato observado, bem como capaz de ao mesmo tempo oferecer soluções para o problema, vamos estudar a seguinte estória:

“Havia, certa vez, um homem muito bom e simples, que sempre trabalhou na terra árida para dela retirar o seu sustento e o de sua família. Ele conhecia os campos, as épocas de plantio, colheita e descanso da terra. Havia aprendido com seus pais e avós tudo aquilo que era necessário para a sua existência no meio em que vivia.

Conhecia as fases da lua, as estações do ano, conhecia os sinais da vinda das secas e chuvas, os sinais de doenças nos animais, plantas e seres humanos. Era um homem rude, porém não incapaz de demonstrar afeto, uma forma rude de afeto, aliás, porém espontânea e sincera.

Enfim, este homem vivia com os seus em harmonia com a natureza e talvez fosse feliz.

Certo dia, chamado por um parente à cidade distante, chega à grande metrópole e, extasiado, começa a observar coisas que nunca havia imaginado existir e a sofrer novas experiências cujos significados e importância não era capaz de compreender e absorver. Porém, a sua presença na cidade grande era necessária apenas por algumas horas, o suficiente para resolver alguns problemas relacionados com sua assinatura aposta em alguns papéis.

Assinados estes, ei-lo novamente em seu meio ambiente, tentando lembrar-se de tudo pelo que passara.

Havia algo que o impressionara acima de tudo, pois fazia parte das suas necessidades, vividas em seu meio natural: observou seu parente tirando água da parede. Aquilo que, em condições que conhecia, representava um árduo trabalho envolvendo caminhadas longas, baldes, bacias, para a obtenção de água, era resolvido com um mero girar de uma torneira. Isto é que realmente representava progresso para ele.

Aquilo tornou-se uma obsessão para aquele homem simples, que tantas fez que acabou por comprar uma torneira numa cidadezinha longínqua, e vamos encontrá-lo entusiasmado a enfiá-la na parede da sua casa, afirmando aos parentes curiosos à sua volta: “esperem mais um pouco e vão ver como nossos problemas com a água terminaram!”

Fincada a torneira na parede, faz-se a expectativa geral enquanto esta é aberta e dela sai... nada.”

Esta simples estória pode ser encarada com um ligeiro sorriso nos lábios de um leitor mais instruído. Este poderia perguntar: “Mas como é que aquele homem deixou de notar que o mero fato de fincar a torneira na parede não lhe traria água? Por que deixou de observar toda a estrutura que existe por trás do ato da obtenção de água por uma torneira?”

É exatamente neste momento que começam a funcionar as técnicas de conscientização dos Sufis: se este leitor for capaz de dar um salto intuitivo e tentar aplicar a estória em si mesmo, teremos então um indivíduo capacitado a verificar em si processos que antes imputava a outrem: “Será que eu não reajo e penso da mesma maneira frente a uma série de fenômenos da minha vida?”. A solução desta pergunta seria: voltar ao fato experimentado e tentar, com os recursos próprios, encontrar a estrutura que existe por trás dos fatos experimentados. Porém, poder-se-ia igualmente perguntar: “Quanto de nós somos, sinceramente, capazes de fazer isto?” Se o mesmo leitor for capaz de dar novo salto intuitivo verá que raramente foi ou iria atrás das reais razões dos fatos, pois sempre está preocupado com novos fatos ou, então, o que é pior, sempre lhe falta tempo, genericamente falando. Logo surgem as opiniões que tendem a encerrar o caso observado e a catalogá-lo dentro de alguma categoria já conhecida. Com isto, extingue-se uma chance de auto-avaliação.

Porém, se o leitor continuar no processo notará que, além das opiniões, surgem as explicações e

razões que justificam as opiniões: é o raciocínio analítico ao qual somos treinados desde a mais tenra idade. Este processo de tentar explicar um fenômeno através de opiniões, que por sua vez se fundamentam em categorias pré-existentes dentro do indivíduo, processo este que geralmente se faz às expensas de uma pesquisa e análise mais aprofundada do fato observado, recebe o nome de “racionalização”.

O Sufismo

dispõe de um arsenal

quase infinito de meios, métodos e processos,

porém, existe um princípio norteador

que permite que a escolha seja a mais correta:

TEMPO CORRETO, LUGAR CORRETO,

PESSOAS CORRETAS, SITUAÇÃO CORRETA,

e a presença de um MESTRE preparado.

Esta pequena experiência poderá ser levada ainda mais à frente, se pudermos aceitar que, para compreender que existe uma estrutura capaz de permitir o funcionamento correto da torneira, é necessário um conjunto de vivências, experiências, informações e conhecimentos, bem como alguma formação técnica e interesse pessoal no caso, para que os elementos obtidos através da observação do funcionamento de uma torneira apresentem uma inter-relação correta, coerente e significativa, capaz de aumentar o grau de conhecimento do experimentador.

Assim, podemos dizer que, à semelhança do homem simples, nós, igualmente, podemos ser culpados de: raciocínio limitado, simplório, ineficiente, mal colocado, ritualístico ou “mágico”. Somos incapazes de dar saltos intuitivos e concéituais na maioria das vezes que observamos algum fenômeno e, quando conseguimos fazê-lo, somos totalmente incapazes de aplicarmos as lições aprendidas a partir da experiência observada em nossas próprias vidas. Lastimável situação!

Se formos tentar estudar o Sufismo, os Sufis e o “Caminho Sufi” com estas ferramentas e arsenal, certamente já nos estaremos iludindo de início.

A própria definição do termo “SUFÍ”, procurando chegar a conclusões por métodos externos à própria vivência do método sufi, pode levar a algumas surpresas:

“Uma das primeiras coisas que se poderia descobrir é que a própria palavra ‘sufismo’ é nova, de origem germânica, tendo sido cunhada em 1821”¹.

Todas as demais definições de “SUFÍ”, procurando relacioná-la com *lã*, *sophos*, “banco” (*safa*), piedade (*safwa*), ou ainda tentativas de ligação com o termo cabalístico *Ain Sof* (O Absoluto Infinito), evidentemente se tornam vãs quando se encara a atualidade da definição germânica...

Logo, os Sufis são as “pessoas de SSSUUU-FFF²” claramente procurando demonstrar que os Sufis se preocupam com processos e técnicas que visam promover o desenvolvimento das potencialidades humanas, e para tal chegam a utilizar os valores vibratórios sonoros das palavras na sua atuação e estimulação do cérebro, com a finalidade de transmissão de conhecimentos, percepções, experiências, etc.

O Mestre Sufi Hujwiri, no século XI, em seu livro intitulado “REVELAÇÃO”, informa especificamente que ‘Sufi’ não tem etimologia³.

Embora não possamos definir com palavras o que é sufismo, podemos tentar mostrar o que **não** é: não é uma religião, não é uma seita iniciático-ocultista, não é uma técnica arcaica no sentido de que, ritualisticamente, é repetida na atualidade com as mesmas conotações da antiguidade; não é um processo extático nem exctatogênico. Talvez a melhor aproximação resida num de seus próprios atributos – “CAMINHO”, ou seja, uma via de acesso a algo. Poder-se-ia perguntar: “Mas acesso a quê?” O Sufi responderia: “Acesso ao ser humano desperto”.

O Sufismo considera que o homem atual não está plenamente no gozo das qualidades e atributos a que gostosamente afirma ter direito e uso. Pelo contrário, seu comportamento e funcionamento errático poderiam ser qualificados de “sono” ou, mais modernamente falando, de “amnésia contínua”⁴.

O conceito de que “o homem está dormindo” e que deve fazer valer todos os seus esforços no sentido de “despertar” para a realidade é um conceito muito antigo dentro da humanidade. Na civilização ocidental vamos encontrá-lo com Heráclito de Éfeso (cerca de 540 – 470 A. C.). Heráclito diz que “para os despertados um mundo único e comum é, mas os que estão no leito cada um se revira para o seu próprio”⁵.

Este mesmo conceito não é estranho para o Cristianismo primitivo, onde Silvanus (cerca de 120 – 180 D. C.), cujos “ENSINAMENTOS” foram descobertos em Nag Hammadani em 1945, encoraja seus seguidores a resistirem ao sono:

“... terminem o sono que lhes pesa sobre a cabeça. Fugam do esquecimento que lhes enche com escuridão... por que você persegue a escuridão embora a luz esteja à sua disposição?... A Sabedoria o chama e ainda você deseja bobagens... Oh! Homem insensato... segue os caminhos do desejo em qualquer paixão...”⁶

A mesma situação se encontra com os Padres da Igreja Oriental que, do século IV ao XIV, atingiram os pináculos do desenvolvimento espiritual, e afirmam que o homem que “não possui sensibilidade espiritual ou esteja desperto para ela não pode saborear a doçura das coisas divinas. Ele não vê, ouve ou cheira, é muito enfraquecido, quase morto” — São Gregório do Sinai, morto em 1360.⁷

Porém, será dentro do Sufismo que vamos encontrar os apelos mais veementemente dirigidos para o “despertar” do ser humano:

“Toda a Humanidade está adormecida,
vivendo num mundo desolado;
o desejo de transcender isto é mero hábito e costume,
não é religião; são meros contos de fadas.”

Hakim Sanai⁸

“Um respiro de vida a cada momento voa,
uma pequena lembrança meus olhos encontra.
Adormecido! Cujos cinquenta anos se foram,
sejam pelo menos estes últimos cinco dias os seus próprios.

Vergonhas se derramem sobre os rígidos mortos que
partiram, cujas tarefas deixaram incompletas;
em vão, por eles tocam os tambores (corações),
que lembram ao homem seu último refúgio.

O doce sono no dia da partida
mantém o viajante fora do caminho.”

Sadi⁹

ou ainda, com o mesmo autor:

“Foste feito para trabalhar, um manto de honra te
aguarda;
como é que estás satisfeito com meros farrapos?
Como jamais terás riquezas se estás ocioso sessenta
dias num mês?”

Sadi¹⁰

Mais atualmente, encontramos os mesmos conceitos com G. I. Gurdjieff e seus seguidores:

“O homem moderno vive dormindo, dormindo ele nasce e dormindo ele morre... no presente, que tipo de conhecimento um homem dormindo pode adquirir?”¹¹

Dentro dessa mesma linha, os Sufis sugerem que esta situação, definida anteriormente como de sono eterno do homem, nada mais é do que seus processos automáticos e a facilidade com que este se condiciona:

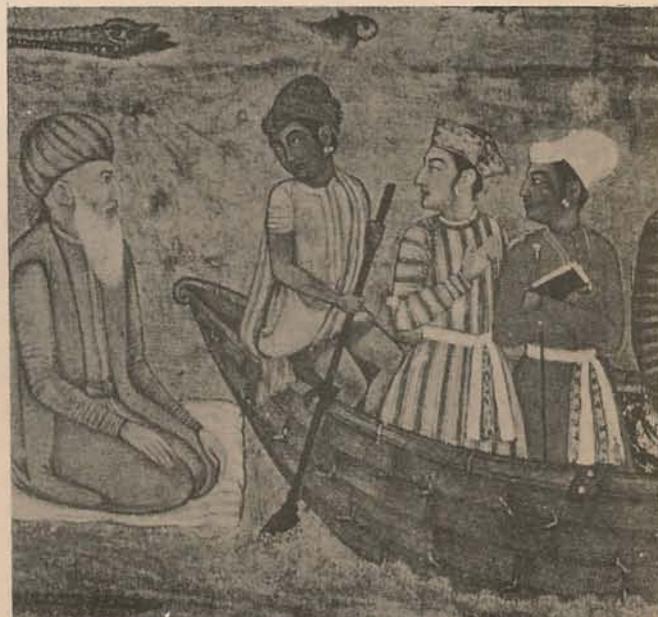
“A maioria das pessoas constantemente se vale de modos quase automáticos de ver as coisas ou resolver problemas, porque foram automatizadas pelo treinamento que o mundo tem a oferecer. Atitudes Sufis, como as ensinadas pelos Sufis e aquelas expostas na literatura sufi, têm de ser praticadas no sentido de prover uma capacidade alternativa de encarar as coisas

familiares, como por exemplo: concentração da atenção, associação de idéias, ou apenas comportamento reacional. A aproximação sistemática com relação à vida e seus problemas, e quanto ao aprendizado que em certas áreas e momentos é indubitavelmente importante, pode funcionar como fator limitante em outras áreas. O homem ou mulher normal mediano é muito mais um autômato do que aquilo que é geralmente compreendido. Assim como um pedestre tem de mudar de atitude quando entra no interior de um automóvel, novamente teria de mudar de atitude e ações se por acaso fosse o seu motorista; da mesma maneira, um aspirante a Sufi deve adquirir um tipo diferente de experiência daquela do indivíduo convencionalmente treinado”.¹²

Para conseguir despertar o “homem dormindo”, o Sufismo dispõe de um arsenal quase infinito de meios, métodos e processos. Porém, da grande gama de processos que existem à disposição, existe um princípio norteador que permite que a escolha seja a mais correta: o princípio do **tempo correto, lugar correto, pessoas corretas, situação social correta** e a presença de um **mestre preparado**.

Um dos fatores que mais desnorteiam o indivíduo interessado em se tornar um Sufi é a visão especial com que o “estudante” é encarado, bem como o tipo de técnica de ensinamento:

“1—O estudante deve estar em sintonia com o Professor e o Ensino. Isto envolve a aquisição, por parte do estudante, de uma atitude equilibrada: nem rejeitadora nem servil;



Um sufi segue um barco levitando sobre um tapete

- 2— Os Materiais de Ensino devem ser apresentados e “dispersados” (técnica do *scatter*). Devem suplantiar as atividades excessivamente emocionais ou intelectuais;
- 3— A Energia e o Foco do ensinamento devem ser corretos. Isto leva em conta a natureza cíclica de disponibilidade das energias e esforços necessários, e as habilidades do receptor em absorvê-las;
- 4— Sempre existe a possibilidade de que um ‘observador externo’ venha a rejeitar totalmente a projeção Sufi, já que esta não coincide com aquilo que ele supõe ser um “caminho espiritual”, ou então, pelo contrário, venha a aceitar incondicionalmente tudo o que lhe for oferecido e venha a abandonar o edifício de suas conceituações prévias. Ambos os procedimentos são encarados pelos Sufis como sendo imaturos”.¹³

Reais progressos, segundo os Sufis, só podem ser realizados sob a orientação de um professor ou mestre vivo e atuante. Qualquer outra aproximação é meramente secundária, inevitavelmente indo contra o princípio norteador acima exposto de tempo, lugar, situação social, pessoal e um mestre preparado. A aproximação ao Sufismo, feita através de livros, palestras, discussões, não deve ser confundida com nada mais que isto: uma mera aproximação. O material literário sufi é altamente sofisticado e apresenta muitos níveis de compreensão, tanto conceitual como simbólica. Tais materiais só podem ser compreendidos no seu significado maior através da ajuda de um indivíduo capaz de apresentá-lo em sua extensão plena. Por exemplo, o “vinho” pode assumir diversos significados, inclusive o de “devoção”; o “sono” pode representar “meditação”; “perfume”, esperança da graça divina; os “zéfiro”, bênçãos divinas, e “beijos” podem representar os transportes de devoção e piedade. Num contexto limitado, uma produção sufi que utilizasse este tipo de simbologia poderia facilmente ser acusada de “material erótico”. Porém, para complicar as coisas algo mais, os termos significantes são algumas vezes utilizados de forma invertida, para não serem compreendidos pelos profanos. Assim, “ídólatras”, “livres-pensadores”, “dissolutos” são termos utilizados para indicar justamente aqueles cuja fé é da mais pura discrição. O “ídolo” que adoram é o próprio Criador, a “taberna” é o local de orações, e o “vinho” ali bebido é o sagrado amor, com o qual se inebriam. O “dono da taberna” é o Líder espiritual; o termo “beleza” é utilizado para denotar a perfeição do Criador; “cachos de cabelos” e “tranças” simbolizam o infinito da glória divina, e assim por diante. Dessa maneira, podemos ler o seguinte trecho de poesia com outros olhos:

“Ontem, meio ébrio, passei pelo lugar dos vendedores de vinho, procurando pela filha de um vendedor infiel.

Ao final da rua, uma dançarina com rosto de fada se aproximou, como uma pagã, suas tranças soltas pelos ombros como num manto sacerdotal.

Eu disse: “Oh tu, cujos arcos das sobranceiras envergonham a própria lua nova! Que lugar é este e onde fica tua morada?”

“Joga teu rosário no chão” replicou ela, “e coloca nos teus ombros os símbolos do paganismo”;

“Atira pedras no vidro da piedade e de um cálice transbordante bebe o vinho”.

“Depois disto, aproxima-te, para que eu possa sussurrar uma palavra no teu ouvido”;

“Então completarás tua jornada, se deres ouvidos às minhas palavras”.

Abandonando meu coração, imerso em êxtase eu a segui.

Até que cheguei num lugar onde, juntas, a razão e a religião me abandonaram.

À distância contemplei uma Companhia, todos embebedados e fora de si,

chegaram ali enlouquecidos, fervendo com ardor pelo vinho do amor;

sem alaúdes, címbalos ou violas, ainda assim cheios de alegria e melodias.

Quando o fio do auto-controle se me escapou das mãos, eu quis fazer a ela uma pergunta, mas ela disse: “silêncio”.

“Este não é um Templo cuja nave podes invadir precipitadamente”;

“Isto não é uma Mesquita que podes atingir com tumulto, sem conhecimento”.

“Esta é a casa de banquetes dos Infiéis, e todos dentro dela estão intoxicados”

“Todos, desde o nascer da Eternidade até o Dia do Juízo, perdidos na Maravilha!”

“Afasta-te portanto do retiro e em direção da taberna dirija seus passos”.

“Joga fora o manto do dervixe e vista as roupas do libertino.”

Eu obedeci: se tu desejas comigo a mesma tonalidade e cor adquirir,

imita-me e, ambos, este e o próximo mundo vendamos por uma gota de puro vinho”¹⁴

Para melhor se poder entender a definição de “Mestre Sufi” tem que ser aqui colocada a distinção entre Sufismo e Sufista. Considera-se o Sufismo o processo vivencial e experimental que, sob as orientações de um mestre qualificado, dentro das condições de tempo, lugar e situação social e pessoal, realiza um processo de transformação do ser humano visando levá-lo a um aperfeiçoamento, cujo produto final

é conhecido como um "Sufi", sendo que tal processo nunca entra em conflito com as necessidades, disposições e realidades do mundo exterior do qual participa o indivíduo que está no processo. Quando tal coisa não acontece, temos um conjunto de elaborações pessoais, interpretativas, necessariamente subjetivas, que procuram adaptar aspectos particulares e muitas vezes ultrapassados, do Sufismo, dentro de esquemas limitados e repetitivos, generalizadores. Temos então os "sufistas" que se preocupam em estudar determinados aspectos do sufismo sem, porém, participarem da vivência global do mesmo¹⁵.

Logo, a chave do processo reside no encontro entre três elementos fundamentais: um estudante corretamente orientado, um mestre disponível e um ensinamento a ser transmitido. Sabemos que o sufismo representa o ensinamento a ser transmitido, que o estudante deverá apresentar as características anteriormente colocadas. Mas, e as características de um mestre real? Podemos dizer que, quase sempre, um mestre:

- 1— Pode explicar o que está fazendo com referência aos clássicos sufis;
- 2— Recusa-se a seguir uma única figura clássica, como modelo;
- 3— Pode operar fora do contexto ritualístico, sem "brinquedinhos";
- 4— Recusa valer-se do uso de mistificação; não apresenta uma "aura mágica";
- 5— Não produz ao seu redor uma atmosfera de "poder". Como já fora afirmado na antiguidade: "A fraude faz as pessoas acreditarem que ele é uma pessoa de poder. O verdadeiro Sufi gasta bastante tempo parecendo bem normal";
- 6— Pode trabalhar no mundo e fazer com que esta atividade tenha sucesso;
- 7— Não utiliza o título de Sufi, quando muito suporta ser assim chamado por outras pessoas, porém nunca o afirma ou nega."¹⁶

Concluindo, o "Caminho Sufi" é uma realidade palpável que existe no momento atual; não é uma religião ou processo terapêutico, mas sim um processo pelo qual o homem pode atingir graus elevados de desenvolvimento espiritual ou, mais "modernamente" falando, alcançar níveis superiores de consciência.

Aquele que inicia o processo visando se tornar um Sufi, recebe o nome de *Dervixe* ou "Pobre" e somente se torna um Sufi quando terminou todo o processo e torna-se um "homem desperto". Para que isto aconteça, o dervixe terá de desenvolver qualidades e capacidades muito especiais no sentido de percorrer o "Caminho", e isto só poderá ser feito através da orientação e ajuda de um mestre qualificado. Qualquer outra formulação desviante desta, inevitavelmen-

te estará fadada ao insucesso.

O presente artigo procura dar um conhecimento das idéias, conceitos e técnicas utilizadas dentro do "Caminho Sufi", na forma de palestras e reuniões, de perguntas e respostas; porém, deve-se ter sempre em mente que estas ocasiões surgiram de forma específica, em condições particulares, e já se encontram no passado, enquanto que novas perguntas e problemas surgiram neste intervalo. Quanto às possibilidades de desenvolvimento humano que se abrem face à visão Sufi, devemos sempre lembrar que existe um universo de distância entre a informação adquirida por processos automatizados e a experiência que leva ao desenvolvimento da sabedoria, o mesmo universo de distância que existe entre o "querer" e o "poder".

Além disso, o presente trabalho representa o fruto de amor e dedicação de um grupo de pessoas que, tendo em vista as circunstâncias alarmantes que enfrenta a humanidade nos dias atuais, ainda assim encontrou tempo e forças para trazer à luz um pouco de informação, orientação e, acima de tudo, esperança. Esperamos que tal trabalho encontre ecos e traga frutos abundantes.

CARLOS GODO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. SHAH, IDRIES, "Special Problems in the Study of Sufi Ideas", Octagon Press, London, 5, 1978.
2. idem, pág. 7.
3. idem, pág. 7.
4. SHAH, IDRIES, "Thinkers of the East", Penguin Books, England, 197, 1979.
5. OS PENSADORES — Pré Socráticos — Abril S.A. Cultural, São Paulo, 87, 1978.
6. PAGELS, ELAINE, "The Gnostic Gospels", Wintage Books, New York, 153, 1981.
7. "Writings from the Philokalia on the Prayer of the Heart", Faber & Faber, London, 57, 1979.
8. SANAI, HAKIM, "El Jardin Amurallado de la Verdad", Dervish Internacional, Buenos Aires, 41, 1983.
9. SADI, NUSLIHU'D-DIN, "The Rose-Garden", The Octagon Press, London, 8, 9, 1979.
10. idem, pág. 32.
11. OUSPENSKY, P. D., "In Search of the Miraculous", Routledge & Keegan Paul, London, 66, 1977.
12. AZIZIAN, HODA, "Observation of a Sufi School" in: Ritual, Initiation and Secrets in Sufi Circles — The Society for Sufi Studies, London, 38.
13. idem, pág. 34.
14. SHAH, SIRDAR IKBAL ALI, "The General Principles of Sufism" in: Jamal, Hafiz (ed): Key Concepts in Sufi Understanding, The Society for Sufi Studies, London, 31-32, 1980.
15. SHAH, IDRIES, "Learning How to Learn", Harper & Row Publishers, New York, 21, 1981.
16. ANSARI, DJALEDDIN, "Some Recent Research Papers on Sufis and Sufism" in: "Visits to Sufi Centers", The Society for Sufi Studies, London, 6, 1980.

A Função Simbólica

Vendo o universo como um grande diálogo entre símbolos e simbolizados, a Simbólica nada mais seria que a linguagem deste acontecer cósmico. A natureza, em sua linguagem muda, expressa-se através de símbolos; símbolos estes que o artista sente e vive, o filósofo interpreta e o cientista traduz nas leis que regem os fatos do mundo e do universo. As teorias científicas, enquanto se formam em torno de hipóteses, são símbolos. No momento em que se fundamentam acaba o aspecto simbólico e surge o simbolizado. Assim, tanto a Ciência quanto a Filosofia não se afastam do símbolo, embora transitem de um plano para o outro alcançando o último simbolizado.

A idéia de símbolo (*symbolon* vem de *symbo- lê* que quer dizer aproximação, encaixamento, pois cuja ordem etimológica está indicada pelo prefixo *syn*, com *e bolê*, roda, bola, círculo); segundo o uso mais corrente que se faz, e também utilizado por alguns estudiosos, é o equivalente ao sinal, ou seja: aquilo que aponta, que marca. É o símbolo considerado como uma espécie de sinal. Assim, o sinal seria o gênero e o símbolo a espécie. O sinal é tudo que manifesta uma faculdade cognoscitiva, distinta de si mesmo, alguma coisa que aponta a outra que é também uma característica do símbolo, já que ele **aponta a outro**. Vê-se assim que o sinal tem uma relação de referência, natural ou convencional, porém o símbolo não, ele deve repetir, analogicamente, algo do simbolizado. Esta analogia pode ser de atribuição intrínseca ou extrínseca; no primeiro caso temos o **símbolo** e no segundo, comumente, a **metáfora**.

O sinal é sempre distinto de a coisa significada e depende desta que, é a principal. Quando o sinal é **natural** ele representa algo naturalmente; **arbitrário** é instituído, indicado pelo arbítrio. Ao ser natural é **imagem** (do latim, *imago*, do grego, *eikónos* de onde ícono), ou **não é imagem**. Quando é imagem pode ser dividida em: **instrumental**, quando por prévia notícia de si mesmo representa outro que ele; **formal** (conceito) já que, sem prévia notícia de si mesmo, representa outro. Exemplifiquemos: a estátua é imagem e é um sinal instrumental. O gemido é um sinal natural, instrumental da dor; a luz verde do trânsito é um sinal instrumental arbitrário. O conceito formal é um sinal formal já que, sem prévia notí-

cia de si mesmo, representa outro. O sinal implica significação ou seja, aponta algo; significado é o que aponta, o que indica havendo entre ambos um nexo e um sujeito cognoscente que capta a intencionalidade. Estes quatro elementos são imprescindíveis a sua existência. A linguagem humana é formada sobretudo de sinais instrumentais que apontam, por sua vez, a outros sinais formais.

O símbolo representa uma série de características: quanto à sua referência é polissimbolizável, caracterizando a qualidade do símbolo, não se referindo portanto somente a um simbolizado mas a muitos. Por exemplo: a cruz é, simultaneamente, símbolo das quatro estações do ano, dos pontos cardeais, das quatro idades do homem. O simbolizado é o que é referido pelo símbolo; é, por sua vez, polissimbolizável. A solidão pode ser traduzida por um rochedo isolado em alto mar, por um barco na imensidão das águas, uma águia num topo de uma montanha, etc. O símbolo apresenta uma série de outras propriedades: a gradatividade, a "escalaridade", a fusibilidade (capacidade de fundir-se com o simbolizado como no fetichismo), a "substituibilidade" (quando se referem a um mesmo simbolizado, entre outros a que se podem referir, eles permitem a sua mútua substituição). Possuem o caráter de universalidade, todas as coisas são símbolos da ordem a que pertencem, todos os fatos são símbolos de um conceito, de um esquema abstrato; daí ser o símbolo universal. Todas as coisas sucessivas podem simbolizar o tempo que, por sua vez, é simbolizado pelas coisas que começam, se desenvolvem e terminam. Os sinais matemáticos ou lógicos são os que se referem, também, a esquemas abstratos, os quais têm uma "existencialidade" indireta nos símbolos, enquanto os sinais matemáticos, os conceitos atualizam-se nos fatos correspondentes, porém o símbolo não esgota a "existencialidade" do simbolizado.

Distingue-se a **função simbólica do símbolo de uma função meramente assinalativa do sinal** pois, enquanto esta é apenas indicadora, o símbolo tem uma **função analógica**, uma via explicativa. Há, assim, uma dualidade no símbolo já que está presente:

- uma analogia de atribuição intrínseca, que revela um ponto de identificação com o simbolizado
- e — uma parte ficcional quanto ao simbolizado.

No campo da Religião é onde o símbolo, além de ter estado sempre presente, tem um emprego específico pois serviu, muitas vezes, para indicar uma fórmula de fé. Desta forma a cruz representa Cristo; o círculo inscrito num triângulo equilátero a igualdade; a coeternidade das três pessoas, a Trindade; o cordeiro, Cristo; o peixe e a pomba o Espírito Santo. Os evangelistas são representados pelo homem (São Mateus), pelo leão (São Marcos), pela águia (São Lucas) e pelo touro alado (São João). Na arte cristã, em todos os seus períodos, como na arte oriental, encontram-se exemplos de simbolismo porque o símbolo acompanha a arte, sendo a **Estética uma mística do símbolo** e a **Mística uma estética do Simbolizado**. Enquanto a Estética permanece no símbolo, a Mística parte do símbolo para alcançar o simbolizado chegando à fusão através do símbolo. É a **via mística**, um verdadeiro caminho e, também, uma via estética, quando a penetração não se dá no simbolizado e fica só no símbolo.

Ao tomar-se o símbolo como uma espécie de sinal destaca-se uma série de características. Primeiramente: uma que provém do sinal e outras que fazem parte do próprio símbolo, já que ele está em lugar de outro, o que é, também, uma característica do sinal; logo depois é preciso se considerar que o símbolo contém algo que tem semelhança com o simbolizado (intrínseca e extrinsecamente). No caso de ser intrínseco a semelhança é formal; no caso de ser extrínseco, quando é puramente acidental. No caso, o círculo, como símbolo do infinito, tem um aspecto figurativo e um formal, porque não tem princípio nem fim, ou melhor, princípio e fim neles estão identificados. Daí ele servir de símbolo de infinito, comum aliás em todas as simbólicas.

O símbolo surge no ser humano em consequência do ajustamento cognoscitivo do homem ao mundo objetivo, quer dizer da subjetividade interna com a externa, isto é, pertence ao mundo do seu conhecimento. Esse ajustamento que, na Biologia se chama adaptação e também é usado na Psicologia, se processa através de uma acomodação, ação centrífuga dos esquemas que se dirigem *ad*, ao objeto, e por uma assimilação, ação centrípeta que vai dos esquemas dirigidos *in* para a interioridade. Quando há equilíbrio entre acomodação e assimilação, o ajustamento é melhor e o conhecimento é mais perfeito. No caso da acomodação superar a assimilação temos a **imitação**, quando a assimilação supera a acomodação temos o **símbolo**. O símbolo manifesta uma certa semelhança com o simbolizado, ele se análoga com o simbolizado e daí que o seu estudo não se faz só no campo da Psicologia mas, também, no da Filosofia. Em toda analogia há uma participação.

Vejamos um exemplo que irá esclarecer: uma mancha colorida numa planície é assimilada com dificuldades por alguns: se para uns parece um homem, outros a vêem como um animal, outros podem vê-la como um montículo de pedra e o que se vê é que houve várias assimilações, fundadas em semelhanças aos esquemas de homem, animal, monte de pedra.

O ARTISTA,

afetivo como geralmente o é,

tem de lançar mão

do símbolo

como meio para transmitir

as suas vivências do singular;

quer queira ou não,

conscientemente ou não,

torna-se um

CRIADOR DE SÍMBOLOS

pela própria necessidade de expressão.

Ocorre que aquela mancha de cor é um símbolo de todas estas coisas. Por que um símbolo? Porque aponta, indica alguma nota semelhante a algum destes elementos simbolizados. Verificando-se com mais cuidado ver-se-á quem é que se aproximou da verdade da coisa, da verdade ontológica, processo este realizado através dos esquemas. É em função deles que o ser vivo realiza uma ação de acomodação ao meio ambiente (o mundo do objeto), captando deste as formas que se assemelham às que fazem parte dos esquemas. Segundo os idealistas o nosso conhecimento se encontra totalmente condicionado aos esquemas, já que só assimilamos na proporção dos esquemas de que dispomos, como arsenal. Por outro lado se observa que estes mesmos esquemas não são estáticos e sim dinâmicos, sofrem a influência do mundo exterior, são por ele gestados — tese dos realistas.

Na adaptação psicológica o homem penetra com o seu soma — organização dos esquemas sensorio-motriz enriquecidos por outros novos que a experiência predispõe —, que atuam com anterioridade cronológica — tese apoiada pelos idealistas —, mas condicionada somente a este ângulo, sofrendo a influência objetiva que vai ser de grande valor para a formação dos novos esquemas — tese dos realistas. O equilíbrio no funcionamento dos esquemas com os atos e a assimilação destes permite uma inteligência mais completa ou não. Assim, vê-se que a nossa

experiência está condicionada à esquemática que possuímos. Da mesma forma, a experiência infantil é diferente da de um adulto. Ambas, entretanto, estão condicionadas à cultura e ao período histórico vivido. Partindo do pressuposto de que todo ser, de certa forma, participa de alguma perfeição do analogado, apresenta-se aqui uma diferença importante: é que a perfeição é dada ao analogado em grau máximo e, ao analogante, em grau mínimo. Assim o círculo participa da infinitude num grau mínimo; a cruz participa das quatro estações do ano num grau ínfimo em relação às estações, deduzindo-se que é no campo da **analogia** que se tem de colocar o estudo da **Simbólica**. Daí ser de grande importância o estudo da dialética da participação. A dialética simbólica é também de grande valia para a compreensão do raciocinar ou do pensar simbólico. No estudo da analogia usamos a **via simbólica**, completamente distinta das outras vias do conhecimento, e o método analógico permite que se compreenda o fato de que todas as coisas têm relações simbólicas umas com as outras, ou melhor: de símbolo para simbolizado ou de simbolizado para símbolo. Daí se poder concluir que, na ordem do conhecimento, a participação se chama **analogia**, e na ordem ontológica, a analogia se chama **participação**. Não há, evidentemente, entre símbolo e simbolizado uma adequação completa a ponto de se identificarem mas há, não obstante, um ponto de identificação formal entre um e outro. Enquanto o simbolizado é calado, críptico, o símbolo é visível pois é o que aponta. Assim, nesta participação há um **participante** que é o **símbolo** e um **participado** que é o **simbolizado**.

O símbolo afasta-se do que é convencional e revela algo que seja participação do participado, do simbolizado em maior ou menor clareza; há casos em que ele é críptico, oculto e necessita de uma operação de análise para ser decodificado. Tem a formalidade da qual participa, que é da essência do outro — o **simbolizado** —. Um exemplo ilustra o que se quer dizer: a circunferência possui o ilimitado, mas a Divindade o é, por isso o círculo pode simbolizar, através desta formalidade, a divindade que, por sua vez, o é em plenitude. O homem participa de Deus, da sua bondade, porém só Deus é a bondade plena. Se participamos com a nossa inteligência de uma inteligência superior, divina, não somos evidentemente esta inteligência. Daí o símbolo indicar, com a sua formalidade, porém sempre em estado limitado e imperfeito, a referência a uma forma superior. Conclui-se, portanto, que ele é, hierarquicamente, inferior ao simbolizado. Em vários cultos religiosos o touro foi adorado pela sua força, potência. A divindade é força, potência, em modo absolu-

to, e daí a adoração do touro ter uma participação com o elemento superior. Assim como o touro simboliza o sol, este, por sua vez, a divindade, o que vai mostrar a ascensão hierárquica do símbolo para o simbolizado. É o que se chama **via simbólica**, o caminho das hierarquias simbólicas para alcançar o último simbolizado, estando bem claro nas religiões.

O pensamento simbólico: o processo consciente e o processo inconsciente

O pensamento simbólico é de origem essencialmente afetiva, pré-lógica, daí os símbolos terem sua origem no subconsciente. O símbolo só vai se tornar consciente através do funcionamento da razão, que tem o papel de despojá-lo de algumas notas para construir o seu esquema abstrato noético-eidético.

O homem, para sobreviver, tinha de prestar maior atenção às semelhanças que às diferenças. Isto não quer dizer que intuitivamente não captasse ambas por igual mas, axiologicamente, atendendo à conveniência da própria vida, era obrigado, sem dúvida, a visualizar mais as semelhanças que as diferenças. A criança também capta os fatos singulares através do aparelho sensorio-motriz, que vão constituir esquemas fáticos singulares que conservam a individualidade dos elementos captados. No momento em que ela se acomoda para assimilar um fato novo, o reduz aos esquemas anteriores, dando-lhes a mesma singularidade. É o que se chama de **ante-conceito**. Permanece ele a meio caminho da generalidade do conceito e a individualidade dos elementos aos quais se refere. A generalização do ante-conceito, isto é, a sua aplicação a alguns e, posteriormente, a todos, é que irá estruturar o conceito propriamente dito. Este é o processo da abstração que o homem utiliza. Entretanto se vê que os **esquemas páticos** não têm a homogeneidade pretendida pelos esquemas abstratos da razão, pois apresentam vivências que são fundamentadas na singularidade, sendo portanto mais simbólicos. É por isso que, ao quisermos reduzir a sinais o que sentimos, encontramos uma certa dificuldade. O artista, afetivo como geralmente o é, tem de lançar mão do símbolo como um meio para transmitir as suas vivências do singular. Quer queira ou não, conscientemente ou não, torna-se um **criador de símbolos** pela própria necessidade de expressão.

Observa-se que neste processo criativo não entra só algo do consciente mas muito do inconsciente. **O sinal**, enquanto tal, é **o meio de transmissão do possível enquanto o símbolo o é do impossível**. Se



Desenho de William Blake intitulado "Oh! Como Sonhei Coisas Impossíveis".

a criança usa o símbolo por falta, deficiência, o artista, por sua vez, o usa por suficiência.

A singularidade é sempre intransmissível e só o símbolo pode falar por ela, porque vai exprimir melhor o singular que os esquemas abstratos. O consciente e o inconsciente, sendo graus de tensão psíquica do espírito, são conceitos dialéticos e inseparáveis com variância no seu funcionar. A inconsciência expressa-se através da simbólica. Devido ao fato do símbolo ser o resultado de uma fraca acomodação dos esquemas com bastante assimilação, o nosso inconsciente recebe uma carga muito grande e a armazena. Não está preso somente ao símbolo mas, também, a uma semiótica psíquica, porque esta será sempre proporcional a uma esquemática do espírito humano em seus momentos históricos, variantes, embora os fatores sejam formalmente invariantes. O símbolo é, portanto, a linguagem do inconsciente ao consciente.

Durante o sonho, quando a acomodação é pequena e a assimilação máxima, a simbolização é complexa. A razão interfere pouco, como se observa nos estados de fantasia e devaneio. Nestes momentos a razão não impõe as suas diretrizes; é quando surgem os ilogismos, as acronologias, os irracionaisismos e os esquemas páticos que captam as coisas onde o símbolo impera.

Na análise de um símbolo pode ser feita esta passagem dos vários planos, do consciente ao inconsciente. Um símbolo primariamente refere-se a um simbolizado. Vejamos neste exemplo o processo consciente ao inconsciente: "Um pássaro voando contra a tempestade pode ser tomado como um símbolo da liberdade".

1) símbolo primário: é o símbolo consciente.

Manifesta-se um aspecto do inconsciente individual ou seja: **voar contra a tempestade**. A liberdade é tomada como uma luta contra oposições, contra algo que se lhe antepõe. Assim o símbolo revela, do subconsciente do seu autor, um estado de luta: **a liberdade só é obtida com luta**.

2) símbolo secundário: algumas vezes o símbolo do subconsciente, outras, do inconsciente. Neste caso aqui, o símbolo primário se refere a um símbolo subconsciente, simbolizado por sua vez, do inconsciente humano, já que: **pássaro voando como símbolo da liberdade é universal**.

3) símbolo terciário: símbolo do inconsciente coletivo. E ter-se-ia:

4) símbolo quaternário: símbolo do inconsciente coletivo humano que não está só preso ao inconsciente coletivo de um povo mas de toda a humanidade, apontando o ímpeto humano de um afastamento de todas as resistências, obstáculos que surgem, o demoníaco, etc. Satã é, assim, o obstaculizador, o que cria obstáculos. Liga-se ao grande inconsciente biológico, expansão vital, extraversão da vida. Logo depois se tem o:

5) símbolo quinário: relativo ao inconsciente biológico animal, liga-se ao extraverter da vida, no seu aspecto animal, que tem um ímpeto de atividade. Este simbolizado é símbolo, por sua vez, de um impulso de extraversão da vida, em geral. Maior no mundo animal que no mundo vegetal. Daí se pode partir para um símbolo senário, expressão fundamental da vida que se manifesta em dois grandes sentidos: um de expansão e outro de retração.

6) símbolo senário: símbolo biológico. Este vai simbolizar o grande vetor universal da expansão, do vetor centrífugo, o que leva a um

7) símbolo septenário: refere-se à expansão cósmica, à ordem cósmica, à lei da alternância universal que, por sua vez, chega ao:

8) símbolo octonário: lei da alternância: o Yang e o Yin, Eros e Anteros, Aspir e Espir. Automaticamente passa-se ao

9) símbolo novenário: o símbolo do Ser que é o grande símbolo teológico da Divindade e, finalmente ao:

10) símbolo decenário: símbolo de Deus.

Mostrou-se assim que, partindo de um símbo-

lo humano de degrau em degrau chega-se a sua referência última. Os fatos que se dão no acontecer são sempre simbólicos, já que todo o acontecer é símbolo das leis universais, leis estas que o homem capta, e simboliza.

A Psicologia Moderna e a Simbologia

A Psicologia de profundidade, ao estudar o psiquismo humano, viu-se obrigada a desenvolver exaustivamente o estudo do símbolo. Foi verificar, após demoradas e prolongadas análises, que nos sonhos como na linguagem comum, nas atitudes, não só do artista como dos neuróticos e dos psicóticos, havia um emprego constante de símbolos. Este fato também foi observado nas crianças e nos povos "primitivos", e o seu uso não era só devido a um mero produto do acaso, mas encobria um nexos intencional. O fato de se compreender que as imagens oníricas deviam ser entendidas simbolicamente tornou-se um dos postulados da Psicologia moderna; entretanto, alguns estudiosos ainda reagem, apesar da quantidade dos estudos feitos por especialistas como Jung, Rank, Abraham, Freud entre outros muitos.

Já desde a Antiguidade mais remota se tem notícia sobre os sonhos, e as interpretações aparecem nos livros sagrados¹. A própria mitologia dos povos atesta a utilização da linguagem simbólica para expressar os sonhos. Nietzsche dizia que, dormindo ou em sonhos, refazemos a tarefa da humanidade primitiva e que, se o modo de raciocinar do homem moderno em estado de vigília é racional, não há a predominância da racionalidade como comumente se pensa, pois em mais de quatro quintos de nossa vida somos irracionais. Esta deve ter sido a maneira de pensar dos chamados homens "primitivos", já que o pensamento lógico, rigoroso, dentro do nexos de causa e efeito, foi conquistado posteriormente, estimulado grandemente pela técnica. Alguns psicólogos afirmam que o pensamento arcaico é onírico e que o mito nada mais é que um sonho coletivo do corpo, uma espécie de "fragmento da superada vida anímica infantil do povo"².

Jung, ao comentar esta opinião, disse: "O próprio Freud indicou à sociedade até que ponto os motivos inconscientes se apoiam no instinto que, afinal, é certamente um dado objetivo. Da mesma forma reconheceu sua natureza arcaica, pelo menos em parte. As bases inconscientes dos sonhos e das fantasias só na aparência são reminiscências infantis. Na realidade, trata-se de formas do pensamento, baseadas em instintos, primitivos ou arcaicos que, como é natural, destacam-se com maior clareza na

infância do que depois. Mas, em si, estão longe de ser infantis ou sequer patológicas".³

Segundo Jung, os mitos se encontram irmanados com os produtos do inconsciente e o adulto, no processo de introversão, encontrando primeiramente reminiscências infantis regressivas "do passado individual", e mesmo se a introversão e a regressão se intensificam, aparecem marcas, primeiramente vagas e isoladas, mas logo cada vez mais nítidas e numerosas, oriundas de um estado espiritual arcaico.

Já para Freud a simbólica onírica é referente à libido em sentido eminentemente sexual. Jung desenvolve a mesma linha afirmando que não está aí o término mas sim o meio do caminho, pois o ser humano usa símbolos sexuais para, com eles, referir-se a símbolos que se referem propriamente ao cósmico. Um exemplo: o peixe na sua polissignificabilidade simboliza o **phalus** e o **pênis**. Vê-se assim que toda forma fálica pode simbolizar o membro viril do homem; eis onde chega a análise freudiana. Observa-se porém que o poder do sol, símbolo da divindade, o poder fecundante, permite também ser significado pelo pênis, o qual, por sua vez, receberia o símbolo da forma fálica. Segundo a esquemática de alguns povos, as partes pudendas do corpo não estavam impregnadas de falta de respeito e serviam mesmo para representar a divindade. A interpretação freudiana é uma visualização bastante judaico-cristã, enquanto a de Jung não se prende só a esta esquemática. Da mesma forma posiciona Deus que, para muitos povos na sua religião, aparece como um ser destruidor, maldoso; da mesma forma que cria, destrói; imagem do que há de necessário e inevitável na vida. Do ponto de vista psicológico a imagem de Deus é um complexo de representações de natureza arquetípica e tem de ser considerada como representante de certa quantidade de energia, **libido**, que se apresenta projetada e, segundo ele, a existência do arquétipo de Deus não afirma um Deus nem o nega.

O homem necessita do símbolo porque é a sua mais profunda linguagem, e, de certa forma, a única que pode expressar o mais distante, que a racionalização posterior apenas pode colocar dentro de um limite, sem ser suficiente para explicá-la plenamente, em toda a sua rica dimensão. Quanto às religiões, a simbólica vai revelar que elas têm um fundamento mais profundo do que comumente se crê. Jung, ao interpretar os símbolos da divindade, diz: "psicologicamente Deus é o nome dado a um complexo de representações que se agrupam ao redor de um sentimento muito intenso; a tonalidade afetiva é o que verdadeiramente o caracteriza e torna ativo e complexo. Os atributos lumínicos e ígneos descrevem a intensidade da tonalidade afetiva e são, em conse-

qüência, expressões da energia psíquica que se manifesta como libido. Quando se adora a Deus, ao sol ou ao fogo, adora-se diretamente a intensidade ou a força, quer dizer, o fenômeno da energia anímica da libido. Toda força e, em geral, todo fenômeno, é certa **forma de energia**. A forma é **imagem** e modo de manifestação. Expressa duas classes de coisas: em primeiro lugar, a **energia** que nela adquire forma e, em segundo lugar, o **modo** pelo qual ela aparece. Pode-se afirmar por um lado que a energia cria a sua própria imagem e, por outro, que o caráter do meio a obriga a adotar uma forma determinada. Um derivará do sol a idéia de Deus; o outro, pelo contrário, opinará que é a numinosidade condicionada pela tonalidade afetiva o que determina que se reconheça no sol uma dignificação divina. O primeiro, em virtude de sua atitude e temperamento, crê mais na eficácia causal do ambiente; o último, na espontaneidade da vivência anímica".⁴

O caminho proposto por Jung para a interpretação do símbolo é a procura do simbolizado, mas não permanecer só nele, pois participa do símbolo. Desta forma, quando numa cultura se dá, a pedações de madeira, de osso, ou a um totem, a posse de um poder como se neles estivesse totalmente, está somente se aceitando que ele **participa** desse poder. O totem, por exemplo, é simbolizado de várias maneiras; tanto é símbolo da origem, da mãe cósmica, como oferece um ponto de partida próximo, a origem, da qual todos os homens têm uma imagem arquetípica que se vai revestir das figuras da sua experiência histórico-cultural. As religiões nada mais são que formas variantes que simbolizam um invariante. Assim a divindade que, muitas vezes, aparece simbolizada por um deus masculino e feminino, refere-se a uma única divindade. A própria linguagem de Cristo é simbólica, referindo-se sempre ao que fica além. Observe-se a máxima: "Quem tem ouvidos que ouça, quem tem olhos que veja", são advertências de que, **os dados imediatos estão em lugar de outro**.

Sendo a **SIMBÓLICA**
uma linguagem humana, é universal,
como se vê na linguagem onírica,
onde aparece uma quantidade
de símbolos universais, o que possibilitou
a alguns filósofos como **JUNG**,
a construção dos chamados arquetipos
do consciente e do inconsciente.

O que o mundo que nos cerca nos oferece é captado pelos sentidos mas não vem a ser toda a verdade, pois é somente através da **via simbólica** que chegamos às coisas que os olhos não vêem e os ouvidos não ouvem . . . Desta forma, o empírico, o que nos surge da experiência sensível, não esgota o conhecimento. A própria ciência tem mostrado que o conhecimento somente através dos sentidos não é completo. É através do símbolo que o homem comunga transcendentemente, e é onde se poderá dar a verdadeira irmanação e unificação.

Sendo a Simbólica uma linguagem humana, é universal como se vê na linguagem onírica, onde aparece uma quantidade de símbolos universais, o que possibilitou a alguns psicólogos, como Jung, a construção dos chamados arquetipos do consciente e do inconsciente, que têm uma presença em toda vida psíquica do homem e, mais acentuadamente, nas neuroses. A Simbólica torna-se assim uma ciência importantíssima para o estudo das religiões e poderia ser o verdadeiro caminho para alcançar o ecumenismo já que todas as religiões, no fundo, se referem ao mesmo simbolizado, embora com símbolos diferentes. Esta diferença se daria na gradatividade dos símbolos, na sua escolha qualitativa, diferenciando-se de uma cultura para a outra. Os estudos simbólicos hoje, graças a psicologia de profundidade, tornam-se cada vez mais importantes e, sobre eles, terão que se pender muitos estudiosos, de onde se irá explicar uma série de conceituações religiosas e as diversas maneiras do homem **sentir** o mundo e de se **religar** com o infinito.

MÁRIO FERREIRA DOS SANTOS

Revisão de Yolanda Thullier dos Santos

- 1- Oniromânticos do Egito e da Caldeia. Os sonhos de José e Daniel no Velho Testamento.
- 2- Riklin, cit. por Jung. "Transformaciones y simbolos de la libido".
- 3- idem
- 4- idem, op. cit.



KARMA YOGA

Estávamos fechando a presente edição, quando nos surpreendeu a triste notícia de que o Rev. Swami Tilak não se encontra mais entre nós. Em homenagem à sua exemplar vida de renunciante, transcrevemos a seguir, na íntegra, sua última palestra na sede desta Associação, em 14 de julho de 1983.

Outrossim, agradecemos a Deus a possibilidade de termos conhecido uma alma tão sábia e generosa que, como estrela, deixou sua cálida luz entre todos nós.

Respeitáveis “mães” e irmãos, é uma grande alegria estar nesta sala maravilhosa da Associação Palas Athena.

Nós somos dotados de três poderes: o poder de saber ou conhecer, o poder de querer e o poder de agir. No campo do conhecer, necessitamos do sentido da renúncia; no campo do querer, da atitude de amar, e no campo do agir necessitamos do desapego. Na realidade, a renúncia, o amor e o desapego são a mesma coisa. Os níveis são diferentes, mas a verdade é a mesma. Quando a energia passa em um nível, nos aparece como eletromagnetismo; em outro nível, nos aparece como calor; em outro nível, como luz; mas na realidade todas essas formas derivam de uma só. Assim, quando uma pessoa chega a saber que na realidade não existe nada mais que o Ser, nesse momento como pode diferenciar as coisas? E quando tem o sentimento da presença universal do Senhor, nesse momento tem que amar a todos. E quando uma pessoa com este mesmo sentimento trata de agir, nesse momento não pode apegar-se a nenhuma coisa mundana. Há um mantra no Isa Vashya Upanishad, que diz: “Todo o universo está cheio de Deus, tudo pertence a Deus.” Então, que posso fazer? Eu devo usufruir de todas as coisas, mas antes de ter qualquer coisa eu tenho que renunciar. Vocês podem perguntar-me: como vamos renunciar antes de termos as coisas? A resposta é que nós temos que renunciar mentalmente. Se antes de escolher qualquer coisa, renunciarmos mentalmente, então não podemos apegar-nos a esta coisa.

Eu sempre dou este exemplo: uma pessoa nada no rio, mas não se apega à água. Está na água, mas não está apegada à água. Há uma grande diferença entre uma pessoa que se afoga e uma pessoa que nada. Ambas estão na mesma água, mas uma não permite a água em si mesma, enquanto a outra tem a água em si mesma. Então, a pessoa que nada está na água mas a água não está nela, ao passo que aquele que se afoga não somente está na água, mas também a água está nele.

Nós temos que aprender a viver no mundo; o mundo apóia a todos, apóia aos ignorantes e também aos sábios. Porque nenhuma pessoa pode sair do mundo; quem pode sair? Nós podemos ir às selvas, pode-

mos viver nas cavernas, apesar disto, nós estamos na mesma terra, estamos respirando o mesmo ar, estamos comendo a mesma comida, tomando a mesma água. Não podemos dizer que Cristo, ou Buda, ou Krishna tomavam a água de outro mundo; a comida também não chegava da lua: comiam a mesma comida. Então, que diferença existe entre estes grandes seres e um de sua família? Existe apenas a diferença de atitude, e esta é uma grande diferença!

Dizem que havia uma velha árvore na qual vivia uma ave num ninho. Embaixo desta árvore havia uma gaiola de ouro, onde também vivia uma ave. E a ave da gaiola era muito orgulhosa, dizendo sempre à ave que vivia no ninho: “Você não tem nenhuma comodidade, sua vida é incerta e todos os dias você tem que ir longe para buscar a comida. Veja que facilidades eu tenho em minha vida: meu dono todos os dias me dá comida e eu tenho uma casa de ouro, maravilhosa! Sua casa não tem nada, só folhas, nada mais.” E a ave que vivia no ninho nunca respondia, somente escutava tudo. Mas um dia ocorreu uma coisa terrível: teve início uma grande tormenta e a árvore velha não pôde resistir. Nesse momento, a ave que estava no ninho alçou vôo, enquanto que a ave da gaiola não pôde sair e morreu.

Isto representa a situação dos sábios e dos ignorantes no mundo. O mundo é uma árvore maravilhosa, que apóia dois tipos de pessoas: umas, sábias, que estão vivendo no ninho em cima da árvore, e outras que estão vivendo na gaiola dos apegos, muito orgulhosas de suas comodidades, pensando ter tudo. Mas, quando sopra a tormenta terrível da morte, nesse momento a árvore cai; uma pessoa sábia voa imediatamente, sai imediatamente da árvore, enquanto a pessoa que está apegada tem que morrer com tristeza, com muita infelicidade.

O Karma Yoga apenas explica como podemos liberar-nos da tristeza que está invariavelmente relacionada com o apego. Amigos meus, o mundo físico não nos perturba, não nos apresenta problemas. Todos os problemas estão relacionados com a nossa atitude; no mundo, nós criamos outro mundo. No mundo universal nós criamos um mundo pessoal, e este mundo pessoal cresce conosco, frutifica conosco e

também cai conosco. Não estamos satisfeitos com o mundo, nós estamos buscando **nosso** mundo; existem muitas casas no mundo, mas nós estamos buscando **nostra** casa. Então, nossa necessidade não é casa, é **nostra** casa. Não nos satisfazemos com meninos, mas buscamos **nosso** filhos. Não estamos satisfeitos com dinheiro, estamos buscando **nosso** dinheiro. Esta é a raiz de todo o problema. Este sentimento cria um mundo dentro do mundo, e por isso sofremos.

Os sábios dizem: "Você quer amar aos meninos? Ama a todos os meninos!" E cada um de nós responde: "Não, eu não posso fazer isso. Eu quero ter o **meu** filho e quero amar somente a meu filho."

Que acontece então? De imediato o campo do amor, o campo da satisfação se limita, se restringe. "Eu não quero amar a todos." E o Yoga está ensinando a sair dos limites do "seu", "teu", "meu", para que se possa ter uma felicidade infinita. Yoga significa a **união**. Meu, teu, seu, todos têm que juntar-se, têm que reunir-se em "Eu Universal": isto é Yoga. Neste momento o que eu faço não é para mim, é para todos. O que eu tenho não é meu, é de todos, porque se extingue a diferença entre meu e seu. Nós temos que expandir a nossa existência, e quando fazemos isto, nossa existência se identifica com todo o universo.

Em vez de dizerem que Cristo **morreu** por nós, vocês têm que dizer que Cristo **viveu** por nós, que Cristo agiu para nós; e o que o Cristo diz, eu tenho que fazer. Isto é Karma Yoga.

Todos estão agindo; quem está sentado sem fazer algo? Quem está sentado sem agir? "Ó, mas eu não quero fazer nada porque tenho muitos problemas." Muito bem, mas, então, o que vai fazer durante o dia? Sentar-se no banheiro? Todo o dia vai comer? O que vai fazer? Sua natureza lhe exige que aja! Alguns fazem um tipo de coisa, outros fazem outro tipo, mas todos estão agindo! Como há uma pessoa que está roubando e matando, e outra pessoa que está operando. O ladrão assassina a vítima usando uma faca, e um cirurgião em seu trabalho também usa uma faca; existe somente uma diferença: a da intenção.

Assim, a ação é comum! Desde Cristo até o ladrão, todos estão fazendo algo, todos estão agindo. Buda agindo de uma maneira e eu de outra; o estudante fazendo uma coisa e o professor outra; mas todo mundo está agindo e ninguém pode sentar-se sem agir, porque é a **natureza** da própria natureza.

Então, Karma Yoga não se relaciona apenas com a atividade. A atividade é comum, ninguém pode sentar-se sem agir. O Karma Yoga não se destina a evitar a atividade, tampouco a colocar a atividade em nossa natureza, porque ela é nossa natureza.

A questão consiste em saber: como a atividade se converte na ação? Qual a diferença entre atividade

e ação? A diferença está na intenção: atividade + intenção = ação. Até a matéria inerte tem atividade. A atividade está até nas paredes. Os físicos já sabem que, num átomo, o elétron se move incessantemente em redor do próton. Então, nestas paredes também existe a atividade, mas não existe a ação, porque a ação é algo próprio da mente e somente o homem tem mente. Por isso o homem realiza a ação, enquanto outros seres apenas são ativos. Quando fazemos uma ação, temos que dividir essa ação em duas partes: a atividade e a intenção. A atividade deve ligar-se ao nosso corpo, e a intenção, temos que voltar para Deus. É o Karma Yoga. Temos que partir para a ação no silêncio da meditação, no silêncio da fé, e temos que observar corretamente a ação, a atividade e a intenção. A atividade para o corpo, a intenção para Deus — e então a intenção tem que dissolver-se na vontade de Deus. Parece difícil? Eu acho que não... É uma coisa simples, não há nenhuma complicação. Nós temos que dar a César o que é de César e a Deus o que é de Deus.

Mas o problema com o homem é que ele realiza coisas complicadas muito facilmente, mas tem problemas com as coisas simples. Diz mentiras aos milhões e, quando tem que dizer a verdade, sente dificuldades. Dizer uma mentira poderá não ser problema; o problema é que ele não pode dizer somente "uma" mentira, tem que dizer outras mentiras para esconder a primeira.

Um exemplo: uma pessoa certa vez bateu à porta da casa de um amigo, e este, dentro da casa, disse ao seu filho: — "Diga que eu não estou aqui." Então o menino imediatamente saiu da casa e disse: — "Meu pai disse que não está em casa." Então o pai ficou com um problema: para esconder uma primeira mentira ele teve que dizer muitas outras, e teve que culpar o seu filho. O filho não sabia o que podia dizer: tinha que respeitar a seu pai ou à verdade?

Na vida social nós temos esses problemas; os pais querem que os filhos os obedçam e participem de todas as mentiras e de todas as coisas incorretas que realizam. Quando os filhos dizem que não querem fazer, então dizem os pais: — "Que tipo de filho você é, que não quer obedecer-nos?" Nesse momento, surge o Karma Yoga, a dizer que **nenhuma relação é mais importante que a Verdade**. Todas as relações do mundo estão de um lado, *Dharma* e a Verdade, do outro lado; e quando uma pessoa tem que escolher entre ambas, deve escolher a Verdade e não as relações.

É esta a guerra que nós vemos no Bhagavad Gita, não a guerra da bomba atômica; é guerra entre *Dharma* e *Adharma*, entre a Verdade e as coisas falsas. Não importa que seja meu pai, meu filho ou qualquer parente: quando esta pessoa não está seguindo a Ver-

dade, eu tenho que seguir a Verdade e não as relações mundanas. Porque, pela vontade de Deus, estou aqui para escrever a história da Verdade e não para escrever a história da falsidade: é o Karma Yoga.

Mas agora temos que aprender outra coisa: é muito fácil dizer a uma pessoa que você não vai segui-la, que não aceita os seus conselhos; mas quando meus olhos ou meus ouvidos, meus pés, minhas mãos não seguem a verdade, neste momento eu tenho que dizer: "Olhos, vocês não têm direito de estar comigo, porque não estão seguindo a Verdade." Isto já é mais difícil. Rebelar-se contra os pais é muito fácil, mas sacrificar os nossos próprios órgãos quando não estão seguindo o caminho da Verdade é muito difícil.

Por isso o caminho do *Dharma*, o caminho do Karma Yoga, começa no mundo interior. Antes de me opor a qualquer pessoa eu tenho que me opor à minha natureza baixa. *Dharma* não é uma coisa de propagação; proselitismo não é a finalidade do *Dharma*, o *Dharma* é para atuar, para agir apropriadamente.

Um dia eu estava com uma família cristã no Hawai e um jovem muito entusiasmado chegou e disse:

- *Swami*, eu quero ir ao Japão.
- Por que, amigo meu?
- Porque eu quero propagar a minha religião.
- Muitas felicidades. Mas eu quero saber; o que você sabe sobre a religião?

Então ele disse com grande surpresa:

- *Swami*, eu tenho toda a Bíblia na memória!
 - Amigo meu, eu não estou perguntando se você memorizou ou não a Bíblia, eu somente quero saber o que você sabe sobre a religião.
 - *Swami*, eu leio todos os dias a Bíblia.
 - Eu não quero saber se você lê ou não lê, eu somente estou perguntando: que sabe sobre religião?
- Então ele disse com grande desespero:
- *Swami*, não compreendo o que você está dizendo!

— Fazer é compreender. Eu agora estou perguntando: na Bíblia, Cristo diz que aquele que vê a mulher com desejo já cometeu adultério; você compreende o que está dizendo Cristo? Há tantas missões, tantas igrejas, tantas escrituras e tem ainda o homem que responder ao que está dizendo o Cristo?

— Amigo meu, que vai fazer no Japão? Você vai simplesmente distribuir os livros, as letras negras impressas no papel. E nada mais. E isto não é religião.

Quando não temos controle sobre nossos sentidos, o que é a religião? É somente uma hipocrisia e nada mais.

É muito difícil, acreditem, é muito difícil seguir Cristo; seguir Buda é muito difícil; seguir Krishna é muito difícil; distribuir os livros é muito fácil, qual-

quer pessoa pode fazê-lo, mas seguir a religião é muito difícil!

Dizem que havia um santo que vivia fora da aldeia, numa casa pequena. E todos os dias saía desta casinha para recorrer à caridade. Um dia, quando chegou a um lugar, encontrou uma moça muito bela; depois de receber a caridade, regressou à sua casinha. E no dia seguinte, dirigiu-se ao mesmo ponto onde estava a mulher, e esta, quando o viu, disse:

— "O senhor chegou muito tarde."

Então o santo lhe respondeu:

— "Não se preocupe, eu sou um mendicante; um dia chego a um lugar um pouco antes e no outro dia um pouco tarde, você não tem com que preocupar-se."

— "Não, senhor, seus olhos são muito atraentes, não posso viver sem ver esses olhos."

O santo se pôs sério e regressou à sua casinha, não cozinhou nada nem tampouco comeu. No dia seguinte ele apanhou a faca que usava para cortar os vegetais e arrancou seus olhos; então, usando seu báculo, dirigiu-se ao mesmo lugar onde estava a mulher. E quando a mulher o viu sem os olhos, gritou:

— "Que se passou com os seus olhos que me atraíam tanto?"

Então o santo disse:

— "Os olhos que podiam desviar a você, e a mim também, não têm o direito de estar comigo."

É a religião, é o *Dharma*. E o *Dharma* não existe nos livros, existe na determinação e na ação do homem. Por isso, os professores da religião são muitos, mas Cristo, Buda e Krishna são raros.

Por isso é muito difícil o *Dharma*, por isso eu disse que quando meus órgãos não me seguem, não seguem o meu *Dharma*, eles não têm direito de estar comigo; qualquer parte do corpo tem direito de estar comigo somente enquanto siga meu *Dharma*.

Amigos meus, temos que aprender: neste campo não podemos imitar ninguém, temos que seguir a nós mesmos. Porque cada pessoa tem o seu *Dharma*.

Às vezes os pais de família chegam e nos dizem: "*Swami*, seu caminho é muito simples e nosso caminho é muito difícil, temos que cuidar de nossos filhos, de nossos pais." Posso garantir que nenhum caminho é fácil, nenhum caminho é simples: quando temos que seguir um caminho, nos surgem muitos problemas. Um chefe de família tem problemas com seus filhos ou com seus pais; um renunciante tem problemas com seus sentidos. Quando vivemos no ar, temos problemas com o ar contaminado, e quando tratamos de viver numa sala sem ar, temos outros tipos de problemas... Problemas existem em todos os lugares, e nós necessitamos tão só da determinação para vencer

todos os problemas. Por isso, a intenção necessita de uma determinação e a determinação necessita de um objetivo.

Às vezes, quando alguém fala sobre o Karma Yoga, o *Nishtam Karma Yoga*, o Karma Yoga sem desejo, as pessoas perguntam: — “E como podemos agir sem desejos?” Eu digo: amigo meu, você pode agir sem desejo, mas não pode agir sem motivo, sem objetivo. O Karma Yoga permite o objetivo da ação, porque o objetivo, o motivo, está relacionado com a ação, enquanto que o desejo está relacionado com o fruto da ação. Por exemplo: um jardineiro planta uma semente. Tem que plantá-la, tem que cuidá-la, tem que regá-la, tudo tem que fazer. Mas quando a árvore começa a frutificar, o jardineiro não tem que prestar atenção, porque o fruto sempre vem segundo a natureza da árvore e não segundo o desejo do jardineiro. O que acontece com as pessoas comuns, os “jardineiros” comuns, é que quando têm que semear, não semeiam, quando têm que regar, não regam, quando têm que cuidar, não cuidam; e quando a árvore começa a frutificar, sentam-se sob ela e ficam olhando as frutas; e gritam, e choram. O Karma Yoga pergunta: De que adianta isso? Vocês podem chorar, mas a natureza do fruto não vai mudar conforme seus desejos. Então, no momento de agir, ajam apropriadamente, e depois esqueçam-se. O fruto da ação é somente uma sombra. Como é a sombra que segue o homem — e não o contrário, assim as pessoas não têm que seguir o fruto, o resultado da ação; este é que deve seguir o homem.

A gente corre atrás da fama, do nome, e não consegue alcançá-los. O Karma Yoga diz que não se deve preocupar com a fama, com o nome. Estes vêm a seguir. Quando tentamos agarrar a sombra, fracassamos, e quando não prestamos atenção a sombra nos segue: é o segredo do Karma Yoga. Por isso um Karma Yogue faz muito pouco, mas tem uma grande satisfação; e o resultado também é muito amplo.

Quantos professores dão aulas, palestras, mas não podem conseguir a graça de Cristo, a graça de Buda? Por quê? Porque Cristo não tem nenhum desejo, mas as pessoas comuns têm muitos e muitos desejos. E quando estes não se realizam imediatamente, são invadidas por grande desespero. No campo do Karma Yoga não existe lugar para o desespero, porque o Karma Yogue sempre segue a vontade de Deus. Por isso Cristo diz: “Seja feita a Tua vontade”. E nós tratamos de repetir esta oração. Mas, que fazemos nós? Quando entramos na igreja, dizemos em voz alta: “Seja feita a Tua vontade”, mas quando saímos da igreja, em voz baixa dizemos: “Seja feita a **minha** vontade”. E existe um conflito entre a “minha vontade” e a “Sua vontade”.

Dizem que havia um grande devoto que sempre visitava o templo de Hanuman, na Índia, e sempre orava no templo até muito tarde da noite. E, assim, o sacerdote que cuidava do templo tinha problemas: não podia dormir. O devoto cantava até meia noite. Um dia, o sacerdote se sentou atrás da imagem de Hanuman e, quando o devoto começou a cantar, o sacerdote disse: “Ó, filho meu, hoje eu estou muito feliz! Você diz que eu sou seu pai, sua mãe, seu tudo! Hoje eu quero assimilá-lo.” Imediatamente o devoto correu e não regressou... Concluímos, então, que nós dizemos uma coisa e sentimos outra. Quando se cria essa diferença entre nossa consciência e nossas ações, como podemos ter tranqüilidade e felicidade em nossa vida?

Por isso, para seguir o Karma Yoga, é necessário sacrificar o seu eu; Sua vontade é a minha vontade; **minha** vontade não existe neste momento. Eu quero fazer-me um instrumento de Sua vontade. E quando eu sou um instrumento de Sua vontade, na realidade minha vontade é a Sua vontade.

Isto não significa que minha vontade é a vontade de Deus; significa que a **vontade de Deus é a minha vontade**.

Amigos meus, não lhes quero tomar muito tempo; tenho somente algumas sugestões a fazer, porque estou seguro de que não nos podemos aperfeiçoar em um momento ou dois: nós necessitamos de paciência. Que temos que fazer? Em nossa vida diária, podemos fixar uns momentos, uns minutos apenas, para *Nishtam Karma Yoga*, para o Karma Yoga sem desejo, sem apego. Por exemplo, um médico, um professor, pode decidir: “Eu vou dedicar quinze minutos de cada dia para praticar o *Nishtam Karma Yoga*. Eu vou tratar dos enfermos sem cobrar”. Então, eu devo fixar estes momentos e não devo mudá-los. Por exemplo, se me dedico a isso pelas dez horas da noite, então eu tenho que fazer todos os dias *Nishtam Karma Yoga* às dez horas da noite e devo acabar às dez e quinze; mas esses quinze minutos pertencem a Deus, esses momentos não são meus, são de Deus.

Vocês podem escolher qualquer momento: um médico pode pensar nas horas em que não há possibilidades de atender nenhum paciente... Um professor pode escolher o horário da meia noite. Não há problemas. Mas, uma vez escolhido o momento, tem que assumi-lo decididamente. Não tenho dúvida de que nesses quinze minutos haverá muitos pacientes; mas não se pode ceder à tentação: “Ah, agora tenho tantos pacientes, tenho que mudar este horário...” Não! Tem que ser cumprido esse horário! E, amigos meus, podemos ter a certeza de que a semente semeada nesse momento vai crescer mais e mais. E nós nos vamos

tornar desapegados em relação ao resultado da nossa ação, ao fruto da nossa ação. Porém, precisamos ter uma grande dose de paciência.

Outro dia citei o exemplo de uma menina de quatro anos. Ela queria jogar xadrez comigo; eu não tinha interesse nisso, mas apenas para satisfazê-la eu tive de jogar. Eu sabia que se ela perdesse o jogo, iria chorar e gritar; então, para fazê-la feliz, eu tive de, deliberadamente, perder o jogo. E à medida em que ela ganhava, dançava por toda parte dizendo: "Eu venci o *Swami*." Muito bem, ela estava feliz, e, para fazê-la mais feliz ainda, eu tive muitas vezes de "derramar lágrimas". Na felicidade da menina havia a minha felicidade. Então, aparentemente eu perdia, mas internamente eu ganhava o jogo.

O mundo é um grande jogo: aparentemente temos de perdê-lo para, internamente, ganhar. Aqueles que estão tratando de conquistar o mundo externamente, estão perdendo internamente. E aqueles que estão perdendo externamente ganham internamente.

Este corpo é para o mundo, e nosso coração é para Deus. Aquele que perde o mundo não perde nada, mas aquele que perde a Deus perde tudo. Nós temos que ganhar a Deus, não temos que correr atrás do mundo. Isto é Karma Yoga. Estou seguro de que quando uma pessoa assume esta atitude não lhe falta nada do mundo. O mundo não é cego, na realidade compreende as intenções das pessoas e trata de ajudá-las. Tenho muita experiência neste campo.

Vocês sabem que eu estou dando uma volta pelo mundo; posso dizer que já é a terceira. Não tenho dinheiro, não tenho casa, não tenho nada, mas me parece que pela graça de Deus tenho mais do que necessito. Há casas e casas em toda parte; há irmãos e "mães" em toda parte; e nada me falta. Quando eu digo a essa gente que não necessito de algo que por acaso estejam a me oferecer, dizem: "Não, não, você tem que aceitar".

Uma vez, eu estava em Amsterdam, sentado em uma sala de espera, lendo um livro; uma pessoa entrou e sentou-se à minha frente por alguns minutos. Depois, aproximou-se e pôs dinheiro sobre meu livro e disse: "É seu."

— Não é meu, caro amigo.

— É seu, você tem que aceitar!

— Amigo meu, eu não necessito!

— Necessitar, você não necessita, mas é seu e você tem que aceitar...

Pode lhes causar grande surpresa, mas eu viajei num trem russo sem passagem. Eu tinha um dinheiro que não valia nada lá, eram dólares, não valiam nada. Então, quando cruzei a fronteira e o condutor chegou, eu lhe dei os dólares — dinheiro que não valia nada. Então ele se foi e, depois de meia hora, regressou e pôs o dinheiro sobre o meu livro. Não paguei: viajei

na Rússia sem pagar.

Em toda parte os braços, as mãos de Deus existem. Somente precisamos ter fé. Fé em Deus. Amigos meus, quando temos fé perfeita em Deus, nesse momento nossas preocupações terminam.

Contam que uma pessoa estava viajando num trem com a bagagem na cabeça. Então, alguém lhe disse: "Ponha essa bagagem no chão!" E ela respondeu: "Não. Quando eu puser esta bagagem no chão ela não vai poder me acompanhar." Então, outro passageiro lhe disse: "Amigo meu, você tanto pode colocar essa bagagem na cabeça como no chão; em ambas as situações a bagagem vai acompanhá-lo". Esta é a história do século XX: nós queremos ter toda a bagagem em nós, em nossa cabeça. O devoto coloca a bagagem no chão. De qualquer maneira o trem divino está correndo e tudo vai correr conosco. Necessitamos somente de fé; sem ela não podemos fazer nada no mundo.

Muita gente me diz: "Ó, *Swami*, meu filho vai morrer", "meus parentes vão morrer". Não, não, ninguém vai morrer, amigos meus. Façamos tudo com fé. Não devemos nos sentir responsáveis por todo o mundo, porque o mundo não está correndo por nossa graça, está correndo pela graça do Senhor.

Há um ditado que diz que em cada grão existe impresso o nome da pessoa que o vai comer. Apenas não temos olhos para ver. Que se pode fazer? Por isso, enquanto temos a graça de Deus, comemos. E quando essa graça se acaba, já não podemos comer nada.

Em Manágua, numa noite, estando as pessoas dormindo, muitas em grandes edifícios, ocorreu um terremoto e isso foi suficiente para acabar com tudo. Nós não sabemos, não sabemos nada! Pode vir um terremoto e o orgulho do homem acabar num momento...

Laplace — grande pensador e matemático, escreveu um livro negando a existência de Deus. Pois quando estava ele para deixar este mundo, Nebulios levou este livro para lhe mostrar. Então ele disse: "Senhor, não me mostre este livro, não me mostre!"

Amigos meus, temos que buscar a fé dentro de nós mesmos, porque, quando mostramos fé em Deus, mostramos fé em nós mesmos; e, quando mostramos fé em nós mesmos, mostramos fé em Deus. Deus e eu, ambos, somos as duas faces da mesma moeda. Aquele que não tem fé em Deus não pode ter fé em si mesmo, e aquele que não tem fé em si mesmo não pode ter fé em Deus. Ambas as coisas são a mesma, e o Karma Yoga cuida de nos levar à autoconfiança e à fé em Deus.

Com estas palavras eu lhes agradeço, senhores, por sua presença e por sua atenção.

Que todos sejam felizes, que ninguém seja infeliz. OM. PAZ.

NÃO ADIE MAIS UM ENCONTRO CONSIGO MESMO!

Faça sua inscrição
para o Curso Livre:

INTRODUÇÃO AO PENSAMENTO FILOSÓFICO

ÉTICA: *aspectos ético-filosóficos do Bramanismo e Budismo (leitura comentada de Bhagavad Gita, A Voz do Silêncio e Dhammapada); o pensamento ético de Aristóteles, Plotino, Kant e Bertrand Russell; a ética cristã.*

FILOSOFIA DA HISTÓRIA: *introdução ao caráter geral da História; fundamentos teóricos; ciclos e ritmos históricos; História e Mitologia; teorias históricas de Cícero e Platão.*

SÓCIO-POLÍTICA: *análise comparativa de indivíduo, sociedade e estado, na visão clássica e moderna; a moral como fundamento do direito social e do dever político; estado liberal e estado dirigido.*

IDADE MÍNIMA: 18 ANOS
AULAS UMA VEZ POR SEMANA
DURAÇÃO: 22 AULAS
INÍCIO TODOS OS MESES



INFORMAÇÕES:
RUA LEÔNCIO DE CARVALHO, 99
PARAÍSO – SÃO PAULO
SP. FONE: 288.7356.



**Graças a Deus,
tudo pode
ser aperfeiçoado
nesta vida.**

**Vamos dar-nos um tempo para
autoconhecer-nos,
Vamos dar um tempo aos nossos semelhantes
e conhecê-los.
Vamos melhorar a cada dia nesta vida.**



POLYCHROM

FOTOLITO POLYCHROM - AV. IMP. LEOPOLDINA, 1434
V. HAMBURGUESA SP - 261-7199 - 261-7118